This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

869.8
R6986
C35

A 466979

O·FLORESCE·A·LUZ
RARIA ACADÉMICA
GUEDES DA SILVA
Mártires da Liberdade, 12
TO — TELEFONE, 25988

Sol na alma, Sal do corpo

Ex-libris do Engenheiro
Agrónomo Pedro Manuel
Franco da Costa de Barros
(Alvellos)

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

POESIAS E PROSAS INÉDITAS

POESIAS

E

PROSAS INÉDITAS

DE

Fernão Rodrigues Lobo Soropita

COM UMA PREFAÇÃO E NOTAS

DE

Camillo Castello Branco

PORTO:
TYPOGRAPHIA LUSITANA
74—Rua de Bellomonte—74

1868.

869.8
R6986
C35

13 - 374406

A JOÃO DE MENDONÇA

Cabe-lhe, meu amigo, o louvor todo d'esta publicação. Os escriptos de um dos mais antigos encomiastas de Luiz de Camões continuariam inéditos, se v. principalmente não cooperasse em redemil-os das trevas de quasi tres seculos. A porção insignificante da minha lavra n'esta obra, digna de melhor commentador, lh'a offereço, meu caro Mendonça.

Cedo começa v. a glorificar as boas lettras patrias: excellente maneira de se honrar a si. Estes titulos de nobreza desfazem-se menos depressa que outros escriptos em pergaminho.

Porto 15 de Abril de 1868.

Camillo Castello Branco.

PREFAÇÃO

I

Quinze annos se contavam desde o dia 10 de junho de 1580, em que Luiz de Camões fallecido resurgira á vida eterna de suas obras, quando um homem de lettras, ainda moço, tambem poeta, e advogado insigne em Lisboa, preambulou, e deu a um livreiro, para que as estampasse, as *Rimas* do cantor d'*Os Lusiadas*.

O collector das poesias miudas de Camões chamava-se Fernão Rodrigues Lobo, d'alcunha o *Soropita.* [1]

Onde nasceu? quando nasceu? onde e quando morreu Fernão Rodrigues Lobo?

Não respondem a algum dos quesitos os bibliographos mais esquadrinhadores.

Manoel de Faria e Sousa, João Soares de Brito, Jacinto Cordeiro, D. Francisco Manoel de Mello, e modernamente os snrs. Innocencio Francisco da Silva e visconde de Juromenha, mais ou menos se detiveram na menção de Soropita; nenhum, porém, allumia ou abre vereda por onde possamos ir á naturalidade, anno de nascimento e obito do colleccionador das primeiras rimas de Camões, publicadas em 1595.

Vejamos a conta em que foi tido Fernão Rodrigues dos escriptores coetaneos; depois, dos mais convisinhos do seu seculo; e, ultimamente, dos biographos nossos contemporaneos.

Jacinto Cordeiro, [2] coevo de Soropita, de-

[1] Variadamente encontro escripto *Sorapita, Surropita, Suropita* e *Zarapita.* Adopto a fórma com que elle propriamente escrevia na sua assignatura fac-simile, dado que no prologo das *Rimas* encontremos *Surrupita.*

[2] Nasceu em 1605 e morreu em 1646.

dicando-lhe a *est.* 48 do seu *Elogio de poetas lusitanos*, diz:

Muchos laureles, muchos solicita,
Poco mi pluma indigna le encarece;
Fernan Rodrigues Lobo Soropita
Con ingenio divino los merece:
Que a muchos el laurel por docto quita,
Esto en tan graves versos me parece.

Manoel de Faria e Sousa, [3] seu contemporaneo tambem, no juizo que faz das *Rimas* de Camões, diz de Fernão Rodrigues, auctor do prologo d'ellas: *Fuè hombre famoso en la Jurisprudencia, insigne advogado en Lisboa, nò de los que solo manejan lo severo de las Leys, y Forense de la abogazia; mas de aquelos que con luzido ingenio saben salir de essa cazi mecanica a los cultos jardines, y regaladas fuentes del Parnaso con el apacible caudal de las buenas letras, como lo supo, este varon no menos docto en ellas, y en la urbanidad, y en la politica. El escrivio excelentes*

[3] Nasceu em 1590 e morreu em 1649.

versos, otras cosas de entretenimento para entendidos, y nò para ociosos, con gran felicidad.

Volvendo a mencional-o no *Discurso sobre os Sonetos,* acrescenta: *Letrado nò de los que aun son barbaros en las mismas letras, si nó ingeniòso e gran Poeta, y docto en estos estudios.*

Tão relevantes gabos suscitam fortes desejos de conhecer os versos *excellentes do engenhoso e grande poeta, e outros escriptos de folga para intendedores.* Sousa não se dispenderia em tão latos encomios, a não ter compulsado as especies litterarias, de todo já agora desconhecidas e verosimilmente nunca impressas.

[illegible] subsistem; mas em prosa: uma, no prologo da edição princeps das *Rimas,* reproduzida nas edições de 1779 e 1782; a outra especie é uma *Informação de Direito...,* publicada em 1597. Das duas provas podemos, quando muito, inferir que o advogado de Lisboa ganhára sem favor os encarecimentos de Faria e Sousa; e que o compilador das lyricas do preclaro epico bem merecia o lustre de prefacial-as. Seja assim. Mas ainda não temos fundamentos sobre que assentemos juizo do poeta excellente, engenhoso e grande. Tambem nos escasseam indicios do escriptor recreativo e *faceto,* como o

denomina João Soares de Brito [4] no seu *Theatrum Lusitanæ Litterarum:*

homo ingenius promptus, facetus que.

D. Francisco Manoel de Mello, no *Hospital das lettras,* pag. 376, escreve na fórma dialogal que usa:

«*Auctor:* Dous Rodrigues estão juntos ao «primeiro *(Francisco Rodrigues Lobo),* ambos «poetas thisicos, segundo são diminuidos seus «volumes.

«*Quevedo:* Quaes se nomeam?

«Auctor: Fernão Rodrigues Lobo, a quem «disseram o Zarapita, e Estevão Rodrigues de «Castro, aquelle com um pequeno manuscripto, «est'outro com um breve volume, estampado «em Florença.

«*Lipsio:* Do primeiro posso affirmar que, «se padece alguma paixão extrinseca, bem póde «ser; mas que no espirito poetico, que o infor- «mou, está são dos quatro costados. Foi Poeta «Mestre; e, quando não escrevera mais que os

[4] Nasceu em 1611, morreu em 1664. A obra citada existe ainda manuscripta.

«seus desvarios, bem se vê que quem desvarian-«do acertava por aquelle modo, quanto acerta-«ria atinado!...»

Novos encomios de auctor avaro d'elles. D. Francisco Manoel devia ter visto poemas manuscriptos ajustados ao exaltado louvor de Fernão Rodrigues: *espirito poetico são de todos os quatro costados; poeta mestre.* E' o maximo abono.

Diogo Barbosa Machado, na *Bibliot. lusit.*, tom. 2.º, pag. 53, traslada alguns dos juizos já expendidos, e ácerca de Fernão Rodrigues Lobo acrescenta: «Compoz além de muitos versos de differente metro, em que fez patente a elegante afluencia da sua musa...»

Dá noticia do prologo ás *Rimas,* da *Informação de Direito,* e adjunta ás obras indicadas:

«*Jornada que fez de Coimbra para Lisboa.* «Escripta em uma carta com termos methafo-«ricos, sendo das suas mais estimaveis obras.»

Não diz se a viu manuscripta: sería descuido em addicionar ao artigo o costumado *M. S.* Dou como certa a incuria em vista do que escrevera D. F. Manoel de Mello e da omissão de tal obra no *Dicc. bibliog.* do snr. Innocencio Francisco da Silva.

Segue, na lista das obras, Barbosa:

«*O namorado de Lisboa ou desastres de na-*
«*morados. M. S.*

«*A primavera de Francisco Rodrigues Lobo.*
«Joco-serio. M. S.

«*Discurso jocoso sobre os costumes do seu tem-*
«*po,* e outro ácerca *Das barbas.*»

Não declára se é inédito o ultimo artigo. Pouco monta o esquecimento do abbade de Sever. E' inédito: basta, para o decidirmos assim peremptoriamente, dar Barbosa ao escripto um titulo algum tanto differente do de seu auctor. Não o viu nem viu os outros, como ao diante mostraremos.

O snr. Innocencio Francisco da Silva, no vol. 2.°, pag. 291, do *Diccion. bibliog.,* diz que Fernão Rodrigues Lobo foi *jurisconsulto e insigne advogado em Lisboa, donde parece ter sido natural: floreceu nos fins do seculo XVI e principios do seguinte.* Menciona a *Informação de Direito,* lembra o prologo das Rimas, e não denota quaesquer outras obras publicadas.

Na pag. VIII do 2.° volume da moderna edição das obras de Camões, o snr. visconde de Juromenha escreve de Fernão Rodrigues Lobo Soropita: «..... Collector e revisor da primeira «edição das *Rimas,* (1595) não foi dos mais feli-

«zes em encontrar esses originaes ou cópias cor-
«rectas: era este homem douto, conhecedor da
«lingua de Homero e Virgilio, como demonstra
«o prologo scientifico que acompanha a edição,
«e não hospede em poesia, como tive occasião
«de ver em composições suas manuscriptas.»

Aqui temos pois um auctor vivo que já viu composições manuscriptas de Fernão Rodrigues. Todavia, o recente editor das obras de Camões, louvando o collector das rimas, fica muito áquem de Faria, de Cordeiro, de Brito e de D. Francisco Manoel. Chama-lhe singelamente *não hospede em poesia*. Este frio e froixo louvor deve desconfiar-nos dos encomios dos dois poetas da *Fonte de Aganippe* e das *Tres Musas do Melodino,* aliás pouco louvaminheiros.

E' o que temos lido em auctores nacionaes. Não sabemos d'outros.

II

Archivemos agora o pouquissimo que estrangeiros disseram de Fernão Rodrigues Lobo.

As seguintes informações liberalisou-m'as o meu doutissimo amigo e mestre o ex.mo snr. José Silvestre Ribeiro, escavador incansavel de joias antigas, prodigo no cedêl-as, e desejoso de que os escriptos alheios se enfeitem com ellas. Copiaremos aqui porção de uma pagina que s. exc.a desatou d'um volume manuscripto, precioso deposito em que o escriptor operosissimo vae enceleirando as colheitas de seus estudos. Não permitta Deus que faltem ao benemerito litterato editores que lhe publiquem o seu livro e paiz intelligente que lh'o agradeça.

Escreve o snr. José Silvestre Ribeiro: «Sismondi, fallando de Soropita, apresenta-o como «editor das poesias de Camões, e accrescenta: «*que elle proprio imitava com felicidade.*

«Talvez Sismondi podesse ter omittido o «nome de Soropita...; pois que não foi este um «poeta importante que merecesse ser mencionado a par de outros mui distinctos, de quem «fallou até agora.

«..... Sismondi foi ainda mais laconico «do que Bouterwek, a respeito de Soropita. O «crítico allemão disse o seguinte: «Fernando «Rodrigues Lobo de Soropita... pertence egualmente a este periodo. Afóra as suas obras juridicas, foi tambem auctor de diversas composições sarcasticas em verso *(of various pieces «of humour in verse).*» [5]

O parecer do meu erudito amigo, respeito do quilate poetico de Soropita, vae de par com o do snr. visconde de Juromenha. A meu juizo, o snr. José Silvestre Ribeiro não viu as poesias inéditas de Fernão Rodrigues: attêve-se á opinião do snr. visconde, litterato de bons estudos; mas por nenhuma maneira juiz indeclinavel em pleitos de poesia, sendo que s. ex.ª não tem ouvido e discernimento bastante afinados para intender em versos, como logo tentaremos

[5] *History of Spanish and portuguese literature.* T. 2.º. pag. 225.

provar na secção das *Notas*. Se o abalisado auctor do *Dante e à divina comedia* houvesse examinado os poemetos de Soropita, (se o eram) vistos pelo snr. visconde, em verdade abundaria no parecer do estrangeiro que deu Fernão Rodrigues Lobo como *feliz imitador* de Camões.

III

Temos prosas e poesias inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Ajuizamos d'ellas como Faria e Sousa, como Cordeiro, como Soares da Silva, como D. Francisco Manoel de Mello e como Sismondi.

Á imitação do snr. visconde de Juromenha, que as viu, é que não podemos consideral-as. Poeta, auctor de uma elegia que o sabio visconde attribuiu a Luiz de Camões — e como tal a incluiu nas inéditas do III vol. da edição que está publicando — não póde ser um mediocre

versejador de quem se diga *não hospede em poesia,* com um certo geito de magnanima benevolencia. Similhante equivoco dá margem a suppôr que o snr. visconde viu umas que não eram as authenticas poesias de Soropita, e viu outra de tal porte e estimação que se não contentou s. ex.ª com menos de filial-a e entroncal-a na arvore real do maximo poeta da europa no seculo XVI, em Luiz de Camões! Bem fadado poeta o incognito que pôde ser visto á luz da mesma radiação! Dado que, por inadvertencia e mingoado criterio, queiram cancellar-lhe o nome do obelisco dos nossos grandes poetas antigos, que faz isso? Para o espirito de Fernão Rodrigues será sobejo contentamento, se já não gloria, o penderem-lhe a lyra sem nome entre os tropheos do cantor de Ignez e de Natercia.

IV

Dos manuscriptos de Fernão Rodrigues Lobo iremos tirando inducções para a fugitiva biographia que vamos bosquejar. O leitor, a quem vão ser patentes os escriptos de que nos soccorremos, dispensa que lhe sejam aqui ante-indicados os logares do texto bem ou mal comprehendidos. Sem embargo do atino de quem lê, onde as nossas illações lhe pareçam escuras ou forçadas, queira esclarecêl-as no exame das *Notas* sequentes do texto.

Fernão Rodrigues Lobo nasceu em Leiria, segundo o modo como dilucidamos uma sua carta. A familia d'estes appellidos foi das distinctas n'aquella terra, ao tempo que os duques de Caminha alli passavam uma quadra do anno, e acolhiam em seus saráos o auctor da *Côrte na aldeia*, proximo parente de Fernão Rodrigues.

Se parecer mal inferida a novidade da entrada de Rodrigues Lobo, o das *Primaveras,* com o duque, convidamos, quem reparar, a lêl-a nas MEMORIAS *de D. fr. João de S. Joseph, bispo do grão-Pará,* as quaes brevemente virão a lume. Antecipemos-lhe, noentanto, a passagem das MEMORIAS, em que o bispo nos dá novidade muito para pensar, e incentivo para muito averiguar nos livros do mavioso Francisco Rodrigues. Escreve assim: «Morreu afogado em o Tejo, e «se enterrou em S. Francisco da Cidade, na «capella das Queimadas... Morrendo, diria tal«vez inspirado de melhores numes:

«*Fermoso Tejo meu, quão differente...*

«Queira Deus que tivesse n'aquellas corren«tes a de lagrimas para chorar quanto tinha «cantado nas ribeiras de Liz e Lena, *nos loucos «amores da aya ou dama do palacio do duque de «Caminha em Leiria, se não foram mais altos seus «pensamentos...*» *(Nota 1.ª)*

Conjecturar, e, ainda mais, pôr como seguro o parentesco de dois homens coevos, na curta área da mesma terra e com os mesmos appellidos, não será affoiteza irreflectida.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita estudou e licenciou-se jurisconsulto em Coimbra. Que o estudante foi não só faceto mas ainda algum dos notaveis travêssos do seu curso, infere-se d'um alegre *Regimento escolastico,* bem que intermeado de bons conselhos, escripto em Lisboa, e que elle diz ter encontrado no ventre de uma toninha.

Graduado em leis, passou a exercitar a advocacia em Lisboa, ainda em vida do cantor do Gama, segundo nossas combinações aproximativas, das quaes nos obrigamos a dar conta em conjunctura propria. Conhecer-se-iam, o sublimado genio, o proscripto da felicidade, e o moço que lhe colheu na sepultura novas flores, perpetuas que lhe entrançou no diadema? Uma dôce intuição nol'-o affirma.

E' facil determinar, em vista d'uma de suas satyras, qual animo politico o pendesse para um dos bandos, representados pelo proscripto D. Antonio e pelo usurpador Filippe.

Propendemos bem fundados á crença de que Soropita, ao inverso do maior numero, não acceitára como consummado e legalisado o facto da usurpação; bem que outras razões nos demovam a pensar que o licenciado, moço, folião,

satyrico mordente e poeta dos melhores para salas e jovialidades, intendesse pouco em politicas e muito em amorios e galanices para ganhar os epithetos de faceto e cortezão que lhe deram Faria e Sousa e Soares da Silva.

Sem impedimento da vida regalada, que mais tarde carpiu, não descurava as ganancias da jurisprudencia, pela qual vingou adjudicar-se nome de habilissimo advogado, com que o commentador de Camões o ajoeira dos seus collegas e irmãos em Bartholo.

E, por conjectura, a essa mesma distincção deveria elle o insinuar-se e encazar-se nas familias de primeira plana, o entrar no secreto das ridiculas aventuras dos fidalgos, o fazer d'ellas alegre chronica n'um estylo sobre modo brunido e lapidado, posto que, a intercadencias, vão n'elle entremettidas as liberdades de Gil Vicente, e as de Jorge Ferreira, as quaes ainda vogavam com o fôro de fidalgas, que lhes déra D. João III, sobre as alcatifas e entre os guadalmecins dos paços reaes.

Cahira então no comprazimento de damas e cavalleiros o jogo de allegorias e methaphoras, umas imbrincadas locuções em que primaram, no dizer de Severim, o introductor de tal esty-

lo, Fernão Cardoso, e depois Luiz de Camões *que o uzou com mais policia e civilidade.* [6]

Fernão Rodrigues manteve lustrosamente a herança de tão egregios antecessores, cobrando fama tal e tanta que, já rodados cincoenta annos, pregoava ainda nos livros dos escriptores que, por sem dúvida, o alcançaram.

V

Amantissimo das boas lettras e senhor das litteraturas antigas — como lhe revê do prologo ás *Rimas* do mal-sorteado principe dos poetas — devia ser Fernão Soropita o vigilante rebuscador das piscas de ouro que ainda sobejaram da fundição da monumental epopeia.

6 *Vida de Luiz de Camões*, anteposta ás obras com os commentarios de Manoel Corrêa. Ediç. de 1720.

Ajunctou-as e venerou-as até ao escrupulo de temer desluzil-as, se as puisse, e solicitou de um livreiro o estampal-as — serviço supervacaneo á gloria de Camões; porém, honra, lição, advertencia e censura para Portugal, onde os espiritos de maior tomo, eivados e gafos de castelhanismo, começavam a desencordoar a lyra lusitana para lhe dar a afinação de Garcilasso, de Boscan e Castillejo, exemplares de que Luiz de Camões se servira na mocidade com o vingado proposito de excedêl-os.

O prologo de Soropita é recommendavel como molde de vernaculidade e cópia de erudição, nas lettras greco-latinas. Absolvendo-se, com honrados escrupulos, de não corrigir defeitos de metro, salvo aquelles que *claramente eram vicio da penna,* escreve: «Mas assi debaixo d'estas af-«frontas, que o tempo e a ignorancia lhe fizeram, «resplandece tanto a luz de seus merecimentos, «que basta para n'este genero de poesia não ha-«vermos inveja a nenhuma nação estrangeira.»

Não nos deteremos a ponderar o serviço que Fernão Rodrigues prestou ás lettras da sua patria, cuja autonomia, para o dizermos á moderna, se cifrava nas glorias do espirito, supervivente ás desgraças da nacionalidade perdida.

Continuemos a rarefazer a treva que nos innoita o viver d'um superior talento, áquem do anno 1595.

Em 1589 demorava Fernão Soropita em Lisboa, e comsigo tinha duas senhoras que conjecturalmente seriam suas irmãs. Assim o devemos intender do facto de elle ir em companhia de duas damas com quem vivia encontrar sua mãe á villa de Palmella, no anno acima indicado, por occasião de se avisinhar do Tejo a esquadra ingleza de D. Antonio, e deixar mil infantes ás portas de Santa Catharina, Alto da Boa-vista e collina de S. Roque.

Não podia o nosso poeta melhormente significar sua neutralidade, prudencia ou pacifica indole do que sahindo de Lisboa. Verdade é que o tropêço de duas damas legitíma a fuga, sendo, além d'isto, certo que toda a gente graúda fugiu, e algum mais destemeroso tinha o cavallo arreiado para o extremo e desesperado conflicto.

Desembarcou Fernão na Mouta, e para logo o assaltaram curiosos em barda, sedentos de novas de Lisboa. Elle nos dirá como se desfez d'elles.

Ao lusco-fuscò esteve ouvindo o estrondear das bombardadas e a mirar e a poetisar as nu-

vens de fumo que irrompiam da cidade apparentemente abrazada.

Ao outro dia foi ouvir missa e deteve-se no adro com os politicos da Mouta, *em cabido, sobre a ordem e successo da guerra, cortando duzias de conselhos e receitando mezinhas que Galleno nunca ouviu, fazendo e desfazendo capitães...*

Passou da Mouta a Palmella, ond e encontrou sua mãi. Foi a Setubal. Conta o que viu e fez. Volta a Palmella, e cerra a jocosa carta com miudas noticias e costumeiras dos freires e noviços de S. Thiago, cavallaria, aliás ordem cavalleira, conventual no castello da villa.

Se d'alli voltou a Lisboa, estiado o terror com a vergonhosa retirada da armada e exercito inglezes, se foi caminho da sua terra, não o diz esta carta; em outra, porém, escripta probabilissimamente desde Leiria, e do gremio dos seus, narra Fernão Soropita uma viagem por barco de marujos santarenos.

Logo volveremos já a buscar n'esta carta, duas palavras importantes para a chronologia dos escriptos de Soropita.

VI

Em 1595, ainda o espirito folgasão de Rodrigues Lobo se feriava da aridez da jurisprudencia no brinquêdo das methaphoras, escrevendo o *Prognostico* do primeiro trimestre d'aquelle anno, datando-o em 5 de Janeiro; do qual anno por diante, tão-sómente podemos assignalar, na vida litteraria de Fernão Rodrigues, tres datas: uma, o anno de 1597 em que elle publicou a *Informação de Direito offerecida por parte de Francisco Correia no feito que traz com D. Manoel de Attayde sobre a successão da Villa de Bellas e fructos do morgado de que a dita villa é cabeça.* Outra data é a da segunda carta, em que Fernão Rodrigues, falla, de passagem, em *pastor Lereno* e *Floresta*, allusões á *Primavera* de

F. R. Lobo. Tendo sido publicada em 1601 a primeira edição da *Primavera,* é evidente que Soropita escrevia a sua carta n'aquelle anno ou em algum dos seguintes. A terceira data é do artigo intitulado *Párrafo notavel sobre as Barbas d'este mundo*, o qual, por inducções que daremos em *Nota,* só podia ser escripto depois de 1606.

D'aqui ávante nada temos que nos alumie senão o bastante para uma quasi certeza de que Fernão Rodrigues foi muito desfortunado em seguimento de vicios, e prodigalidades do muito que teve e desbaratou. Elle mesmo escreveu a elegia da sua penitencia, por ventura na Serra de Cintra ou na Arrabida onde, áquelle tempo, se refugiavam os desconsolados, como Agostinho Bernardes Pimenta, o poeta cavalleiro da villa da Barca, tão querido de D. Duarte, e festejado dos duques d'Aveiro e Torres-Novas.

Aquella alliança de idéas e nomes suggeriun'ol-a o encontrarmos interposta no manuscripto de Soropita, e junta á elegia de sua penitencia, uma do irmão de Diogo Bernardes, escripta na montanha dos franciscanos reformados:

Alta serra deserta, donde vejo
As aguas do occano d'uma banda
E d'outra já salgadas as do Tejo:

Aquella saudade que me manda
Lagrimas derramar.....

Sería propriamente fr. Agostinho da Cruz quem enviou a sua elegia a Fernão Soropita?

Sería Fernão o *Laurino* da ecloga de fr. Agostinho, intitulada: *Do tempo que trouxe um á Religião?*

Sem impedimento da differença de annos—vinte, talvez, avançados na idade de fr. Agostinho—bem póde ser que Soropita seja o Laurino a quem *Gualbano* (o arrabido cathequista) dizia:

Que buscas por aqui, por esta serra,
Que, segundo o que julgo, vais errado?

LAURINO

Antes quem cedo julga ás vezes erra.

GUALBANO

Perdoa-me, se tenho mal julgado;
Que não me pareceu que tomarias
Mal, folgar de te ver encaminhado.

LAURINO

A quem já caminhou tão longos dias,
E' nescio quem mostrar quer a estrada:
Que a mudança do tempo muda as vias.

O fallar de Laurino é de quem já vai muito adiantado em annos; mas fr. Agostinho lhe redargue e nos ensina que o seu collocutor corria ainda meio stadio da vida regular:

Mais nescio é quem traz branqueada
De tão poucos cabellos a cabeça,
E dá resposta tão mal ensinada!

Como quer que fosse, o frade moveu e senhoreou o coração do hospede da serra, a ponto de se lá ficar com elle em penitencia. [7]

[7] A austeridade de fr. Agostinho da Cruz não faz a duvidar-se que tão reformado frade conhecesse o desvariado Fernão Rodrigues Lobo. José Caetano de Mesquita, no resumo da vida do anachoreta de Cintra e Arrabida, escreve d'este theor: «... E ainda que conservou algumas correspondencias de pessoas «instruidas, julgando não desdizer da austeridade de seu insti«tuto condescender com os seus amigos, achando-se nas suas «mezas, e commendo dos delicados pratos com que eram servi«das; com tudo sempre se houve com a religiosa modestia e o «decoro devido á mesma reforma.» *Vida*, etc. *Varias poesias do vener. fr. Agostinho da Cruz*, 1771.

Mas que sommam suspeitas, que outra coisa não são estas vagas conjecturas?

Certeza ha uma só: é a da conversão. Se foi fiel á divina graça, se recahiu, não sabemos. Provavelmente manteve-se. As apostasias eram raras, vestida uma vez a mortalha e moro o coração.

Temos ainda outra certeza maxima e indefectivel: é a morte de Fernão Rodrigues Lobo Soropita. Quando? Alguma vez, o acaso ou diligencias melhormente encaminhadas descobrirão o anno de sua morte a mais esclarecidos escrutadores. Pelo que nos diz respeito cançamos de investigar.

VII

Quem herdou esta porção, que possuo, de manuscriptos de Fernão Rodrigues? Novas incertezas, trevas impenetraveis. Em 1833, sa-

bemos que este manuscripto, encadernado em 4.º com outro de selecta importancia, estava no cartorio do mosteiro benedictino de Tibaens. Se o snr. Alexandre Herculano, encarregado de transferir e inventariar os papeis e livros d'aquelles riquissimos archivo e bibliotheca, deu tino d'este, ou já o não viu, tambem não decido; mas o saber do douto commissario ás livrarias monacaes faz-nos força a antes crer que antecipadamente a s. ex.ª já lá tinha remechido mão de eggresso, ainda não convencido do legitimo direito com que o estado tirou aos frades a casa, os livros e os manuscriptos que elles haviam feito.

O eggresso pensaria ineptamente; mas certo é que toda a necedade tem sua logica. O corollario d'elle foi—Deus lhe perdoe!—apanhar aquelle e muitos manuscriptos de que nós, em que peze ao estado, nos consideramos legalissimo dono.

Diogo Barbosa Machado noticiou, como já dissemos, a existencia de inéditos de Soropita, sem os examinar perfunctoriamente. Do mosteiro de Tibaens lhe dariam errada ou abreviada a nomenclatura das peças litterarias, se não é que o abbade de Sever as errou, abreviando-as.

Tornemos ás indicações de Barbosa:

Jornada que fez de Coimbra para Lisboa.

Não está no meu *manuscripto*. Possuo duas cartas: Uma intitulada: *Carta do auctor a um amigo em que lhe dá conta do que passou quando sahiu de Lisboa, pela vinda dos inglezes no anno de 1589.* [8]

A segunda carta está simplesmente indicada: *Carta do mesmo.*

Menciona Barbosa: *O namorado de Lisboa ou desastres de namorados.*

O escripto, que refere varios e ridiculos desastres de galans, denomina-se: *Descobrimento das ilhas da poesia novamente composto por Cid Ruy Dias, condestable de Benavente, imperador de Cacilhas, capitão mór da poesia em garganta.* Tem segunda parte com este argumento: *Segunda parte do descobrimento da poesia compos-*

[8] Já d'aqui previno o leitor de que não escrupuliso em fidelidade de copista ao acume de respeitar a ortographia anomala e extravagante dos seiscentistas. Por causa da ortographia ha muito quem deixa de ler Francisco de Moraes, Barros, as comedias de Sá de Miranda, de Jorge Ferreira, e muitos estimadissimos mestres de portuguez. Tambem não sigo a *média* que alguns editores adoptaram, sem justificação rasoavel. Adoptei a que regularmente emprega o commum de escriptores e leitores de hoje em dia.

ta por Ruperto de Alançon, rendeiro do Reguengo de Catalunha e prioste da ordem de Calatrava em Porto de Mós.

No contexto d'esta segunda parte, em verdade, ha uns periodos chamados *Desastres e desvarios d'este mundo.*

Mais enuncia Barbosa: — A *primavera de Fernão Rodrigues Lobo.* Não encontro artigo do *manuscripto* que possa aproximar-se de tal indicação.

Conclue: *Discurso jocoso sobre os costumes do seu tempo;* e outro ácerca das *barbas.*

«Discurso jocoso» póde ser o titulo d'alguns que o não tem no meu *manuscripto.* Quanto ao das *barbas,* reza assim o titulo: *Párrafo notavel sobre as barbas d'este mundo, agora novamente agorentado por Bernabé de Soria, alcaide mór de Fonte Rabia, e feitor da casa de Bucellas.*

Dos restantes, e não poucos, prosa e verso, falta noticia na *Bibliotheca lusitana.*

VIII

Deixamos dito que Fernão Rodrigues Lobo já estava de assento em Lisboa, um ou mais annos antes do fallecimento de Camões. Agora, fundaremos o asserto em documento incluso nos *manuscriptos* de Soropita.

Trasladando um sermão prégado nas exequias d'el-rei D. Sebastião, precede-o elle da seguinte nota: *Prégação que fez o deão da Sé de Silves do Algarve em Lisboa nas exequias d'el-rei D. Sebastião, e depois soube eu que dissera o conde de Porto-Alegre que era de Luiz Alvares, collegial da Companhia de Jesus, o que me pareceu veresimil por esta ser a linguagem de Luiz Alvares.* [9]

[9] Este jesuita, de quem escrove louvores o conde da Ericeira, no seu *Port. Rest.* já depois que os Filippes II e III de Castella governavam, continuou a prégar tão livremente contra a usurpação, que os uzurpadores lhe temiam a guerra feita do pulpito. Quem confrontar esta portugueza coragem com a im-

Este sermão foi certamente prégado ainda no anno de 1578, porque o prégador o diz: «Cuidar n'isto parece sonho! Quem viu, hoje ha «*tres mezes,* Portugal, e o vê agora! Tanta fes-«ta! tanta galantaria! tanta riqueza! tanta for-«mosura! Quem cuidára que em tão breve tem-«po, com tanta deshonra, havia de acabar «tudo!»

Não receamos, pois, affirmar que Rodrigues Lobo podia conhecer e tratar Luiz de Camões, que sobreviveu a D. Sebastião vinte e dous mezes. No prologo das rimas não transparece idéa que nol'-o dê amigo ou conhecido do grande poeta; assim é; expliquemos, porém, o silencio de Soropita com a verdade triste e vergonhosa de que, passados dezeseis annos, depois que a ingente lampada se apagára na noite geada e horrenda da pobreza, não era ainda gloria vir

putação, feita aos jesuitas, de bandeados com Castella, vê quão injusta e apaixonada foi escripta a *Deducção chronologica,* na parte respectiva á perda da nossa independencia. O jesuita Luiz Alvares não imprimiu algum sermão. Com identico nome e habito existiu um posteriormente que escreveu sermonarios, e falleceu em 1709. Aquell'outro deve de ter sido o particular amigo do Prior do Crato, nomeado e recommendado em seus apontamentos testamentarios, impressos nas *Provas* da *Hist. Genealog. da Casa Real.*

um poeta estadear-se em publico com a jactancia de ter apertado a mão desvalida de Camões.

Era aqui o lanço, na publicação de coisas desconhecidas, de imitarmos os commentadores das graças e realces dos escriptos que recommendam e abonam. Seria uma inutilidade, por lhe não chamar sandice de marca maior, encaprichada em sabenças. Já agora a gente sisuda, e sequer meio instruida, ri dos explicadores.

Venha um exemplo da prestança da explicação. Diz Camões:

Que é isto? Sonho? ou vejo a Nympha pura
Que sempre na alma vejo?

Vem o snr. visconde de Juromenha e explica:

Sonhando com a sua amante, representa que a está vendo, etc.

Só um excesso de piedade com a ignorancia do leitor póde desentranhar um tão accêso desejo de diluir bons versos em prosa salôbra.

Graças a Deus, que as obras meritorias levam comsigo patrono, Mecenas e defeza.

A illustração não lh'a irradia a toada peda-

gogica com que lhes pregôam as bellezas, quando lh'as não deslusem, os apontadores immeritos. Quem directamente lh'as commenta e aquilata é o senso-publico.

Singela, conscienciosa e unicamente diremos que Fernão Rodrigues Lobo Soropita é dignissimo de emparelhar com Mirandas, Caminhas, Ferreiras, Bernardes e Camões no grave, terso, vernaculo e sentencioso da poesia. Na prosa festival e galhofeira não conhecemos coevo que se lhe avantajasse.

Em noticias de costumes, e vida da geração mal conhecida nos escriptores d'aquella era, abundam as descripções de Soropita. Se as acharem nimiamente allegoricas, desculpem o auctor, attenta a distancia que nos separa da sua época e gôsto—se apurado, se em fermento de corrupção, não sabemos decidir.

A ser errado este juizo, repulse-o o leitor competente. A mim me basta a satisfação de revocar á pleyade dos seiscentistas um que os descaminhos do talento, assoberbado pelo coração, não deixaram amadurar para maiores emprezas.

Camillo Castello Branco.

POESIAS E PROSAS INÉDITAS

DE

Fernão Rodrigues Lobo Sorapita

I

Regimento escolastico para os estudantes, que se achou no ventre de uma toninha

Primeiramente, todos os primogenitos de vossos pensamentos dareis por moços fidalgos ao céo; porque, para o serviço das cousas da terra, os filhos segundos são sobejos; e esses, ainda que vos parêça louçainha, andem sempre vestidos de libré e primor, porque debaixo desta

divisa, levam seguras as obrigações d'elle [1], de que o mundo está tão necessitado que o encommendam já pelos pulpitos.

E a causa de tamanha falta foi que, no tempo que Portugal se carteava com o esforço e verdade, por terem entre si muita liança, vindo de lá quatro navios carregados de primor, porque não nasce senão n'aquellas partes, houve o interesse proprio mister navios para a conquista de seus gostos; e, em vez de lh'os mandar com o retorno, metteu-os na sua frota coberta dos seus pavezes, sem ter nenhum comprimento com os senhorios: de que elles se houveram por tão affrontados que mandaram cerrar o commercio. E, desde então até agora, nunca esta mercadoria cá aportou, se não alguma que vem ás furtadas por ordem do aviso; que como a trazem por outra navegação, é a viagem mais comprida, e, quando cá chega, vem tão mareada que escassamente se parece comsigo.

As conversações sejam muito limpas como cantareiras de Alfama; e, primeiro que entreis n'ellas, sabei com muita diligencia para que ventos vem as festas; e,

1 *do primor.*

se, cotejando-as com o que convém á vossa compleição, vos atreverdes a pousar n'ellas, fazei conta que vos agasalhastes em fateuzim; porque amisades, uma vez aceitadas, não se podem encampar por nenhuma esterilidade, sob pena do intendimento ser degradado por quatro annos para Castro Marim, por errar na eleição de uma cousa tão importante. E não vos passe de vos eu fazer esta lembrança: que nas cartas de marear não andam ainda signalados estes baixos, porque o cosmographo mór não advirtiu ainda aos officiaes deste erro.

Da gente curiosa fazei sempre muito cabedal, e muito mais de vos parecerdes com ella; porque, nas cortes que as senhoras musas fizeram nas ilhas das Canáreas, se assentou por votos de todas, que as chaves dos thesouros das sciencias se entregassem á curiosidade; e, como ella os abre e cerra, não é pouco necessario ser muito seu privado; mas, porque tambem a curiosidade tem seus marcos e divisas, convém atrelar de maneira os desejos que não saiam fora d'ella. D'ahi para cima não ha mais que charnecas donde se não colhe fructo algum; e, distrahido muitas vezes o pensamento pelos chavascaes d'ellas, trasmonta-se de maneira que a não levar cascavel não poderão jámais tomal-o.

Com os mestres, muita modestia, assim no respon-

der como no arguir, e temperada de maneira que avulte mais n'ella o desejo de aprender que a obstinação da habilidade; porque, nos discipulos, a demasiada confiança, além de ser muito parenta da soberba, entupe logo os canos por onde a noticia de muitas cousas se houvera de communicar.

Nos primeiros annos, tratai mais de ouvir e aprender e entender singelamente os termos da sciencia e os principios d'ella, que de passar por doutores e examinar opiniões; porque, como tendes ainda o estomago fraco e pouco poderoso para poder digerir mantimentos grossos, corre muito risco afartardes e virdes a dar em outras infermidades que nascem de semelhantes occasiões. E não vos parêça que importa pouco buscar contra estes males os preservativos necessarios; porque os erros commettidos no principio de qualquer empreza, assim como se remedeiam facilmente, se lhe acodem logo antes que os herpes lavrem, assim depois delles entrados tem o remedio mui difficultoso.

As damas, vêl-as de longe, ou melhor que tudo é não as vêr; porque teem ás vezes os feitos da cabeça de Medusa que converte a um pobre escolar em pedra pómes, para que como pedra não sinta, e como leve se deixe transportar de suas leviandades. E cumpre muito

abalizar este atoleiro; porque não sómente se perde n'elle a moeda e a saude; mas tambem o tempo e a reputação, que são duas joias a que os lapidarios não acham preço. Aqui se afogaram fuão e fuão, cujos engenhos hoje estariam embalsamados no templo da fama, se não acertaram dar menagem á affeição que os metteu nestes perigos, e não se defendem pouco nesta pragmatica de quando em quando. Pague homem páreas do amor, no melhor modo e maneira que em direito logar haja; pois está determinado por sentença da meza grande que passar a vida sem amar é picado sem azêdo, pão sem sal, inverno sem fogo, sellada sem sebollinha, murrião sem plumagem, bôda sem confeitos para os rapázes.

Do jogo vos releva guardar mais que de tudo, porque é um gôlfão onde não ha tomar porto, e sómente se permitte uma vez de quando em quando, e essa a tempo que não tome agua ao estudo e outras obrigações de mór porte. E, ainda então, não hade cheirar a tafularia, porque póde ser tiral-o a estaleiro debaixo dos arcos do hospital sem lhe fazer nenhuma offensa; e nunca é mais perigoso que quando lança raizes na confiança de jogar bem; porque, como lhe corre esta agua pelo pé, faz-se tão viçosa que afoga de todo as boas esperanças, e não lhe acham os medicos outra cura mais que dar em sêcco com o dinheiro; que a ventura não faz

carta de fretamento aos bons jogadores, porque se obrigasse sempre a tiral-os a paz e a salvo. E, por isso, antes do seteno, mandam sangrar na veia da arca; mas como os estudantes não teem commodidade para se pôrem em estas curas, andam assim pairando aos mares até que o palmellão [2] dá com elles á costa.

Sobre as horas convenientes para estudar, ha mil receitas de enxertia; porque uns escolhem as primeiras da noute e antes de cear, porque acham quietas e rendosas; e não vão muito fora de caminho, se não foram as grandes tentações que aqui cursam como vento no Vale-das-eguas, porque o estomago não está bem fornecido da merenda; a cada passo se lhe representa a ceia desgrenhada pedindo soccorro para o assado que arrefece e para o cozido que se requenta, e ha mister homem ir liado ao mastro como Ulisses no paço das sereias para escapar deste perigo.

Outros querem a madrugada, antes que o sol aponte, porque então estão os sentidos folgados como ginete mimoso. Podem dar quatro carreiras pelo campo de Alvalade [3] com seu bocal e nominas. E ajunctam mais d'isto

[2] Vento que sopra de Palmella para Lisboa.

[3] O actualmente chamado *Campo Grande*, perto de Lisboa.

certas rasõesinhas moscateis, que não ha vendimar, a um serrado de astrologia; as quaes eu tive até agora dependuradas; mas foi o tempo tão humido que me apodreceram antes de me lograr d'ellas. E tambem esta monção tem seus inconvenientes; porque depois que um homem se agasalha entre os lençoes, se a manhã acertou de ser das da primavera, vai-se pelo somno adiante com todas as velas mettidas, e não ha quem o faça surgir, por mais que a consciencia lhe brade de cima da gavia; e, se é no inverno, cuidar no frio, que fica por davante, e tirar um dedo fóra da roupa, quanto mais todo um peccador inteiro! É risco de se lhe congelarem os pensamentos e andar em carretas sobre elles como em Zelandia sobre os rios.

Verdade é que o costume póde desfazer todas estas carrancas; e, como quer que seja, o bom é estudar quando a vontade o pede, porque, se ella está latindo como podengo de mostra, signal é que se acha disposta para fazer qualquer galhardia, com tanto que não seja tão calaceira que refuja o estudo de cada dia, porque, por regra de Apelles, não hade escapar dia de entrar nova linha: por esta foz entrarão todos os monarcas das lettras com a preguiça pelos cabellos, como a mortal inimiga de todos os bons designios.

II

Carta de um negro a uma dama com um soneto

Desde que jaso nesta terra, foram tão damninhas as saudades que se empoleiraram em mim que não ha ponto em meu coração onde ellas não esgaravatassem. E, como me tomaram em osso, fizeram taes mataduras em meu contentamento, que só vossa vista, como alveitar de meu desejo, poderá cural-as. Porque, como vossa formosura seja mais luzente que a minha limpa bacia de barbeiro, e mais clara que agua fresca em caldeirão areado, de tal maneira se me escanchou no pensamento que se tivera um faritel de cincoenta vidas, todas as desensacára em vosso serviço; porém, pois mais não tenho, que uma só, e essa ainda desencordoada de todo o prazer que de antes tinha, com ella na palma da mão estou aguardando resposta vossa, que, vindo como eu

confio, me será mais saborosa que migas de azeite com vez de vinho em cima. Entretanto, bem podeis fazer conta que estou a curtir, como cordovão em pelame, e não haverá cousa que me desatolle desta tristeza.

Não ha ahi mais que dizer senão que o soneto, que com esta vai, me custou a cravejar, o que Deus sabe; e porque não ficasse cá entre o retraço da manjadoura, pareceu-me melhor envial-o nesta maré, em que não seja para mais que para se ver n'elle mais de vagar, como em sêlha d'agua; um pouco do muito que passo cá.

SONETO

Amor por vosso amor me açouta e pinga;
E, depois de me ter por vós assado,
Cada vez contra mim mais emperrado
Não sei que birras são as que em mim vinga!

O coração, que nunca lhe respinga,
Ás peias, que lhe poz, já costumado,
Quer mais immanquecer neste cuidado
Que quanto vem do Congo e de Mandinga.

Assim, morro por vós; e tanto em graça
Tomais vós esta dôr que me fatia, [4]
Que não ha quem de mim lembrar-vos faça.

Até que em tantos dias venha um dia,
Que, queixando-me ao som d'uma almofaça,
Me acabe de espirar na estribaria.

[4] *Fatiar*—cortar em fatias.

III

Carta do auctor a um amigo, em que lhe dá conta do que passou quando se sahiu de Lisboa pela vinda dos inglezes no anno de 1589 [5]

La mar en medio y tierras he dexado, (Nota 2.ª) e com ser o váo tamanho que me tem ainda pela trela saudades vossas, se de quando em quando me não retirára ao alto donde descubro os contentamentos passados, que me a ventura deu por alivio de males presentes, não sei que forças me abastaram para me sustentar contra o templo que por tantas partes me tem em cêrco; mas agora desandei a caravelha, que o meu tiple não sobe

[5] Entre esta carta e a primeira de Camões são sensiveis as similhanças.

já tanto. E, tornando-me á estrada como lebre acossada dos galgos, vou-me mole e mole relatando-vos os successos das minhas cousas que bem mal esperaveis.

Já sabeis como os senhores inglezes, sexta feira, depois de dia de Corpus-Christi, vieram conversar tão estreitamente que se não mettia entre nós e elles mais que a largura dos muros, e esses tão infermos e debilitados que a poder de apitos os tinhamos em pé *(Nota 3.ª)*. Quando eu vi tal desarranjo, antes que os herpes lavrassem mais, foi-me necessario obedecer aos sobresaltos de duas femeas, que tinha a meu cargo; e, por meio de esquadrões, dei com ellas no chafariz da Priguiça, onde nos metemos em uma muleta [6], em poder dos mais formosos sete covados de mulato que mediram nunca na feira das Virtudes. O vento era por pôpa. O mar mais repousado que o pensamento d'um madraço. E, sem nos pôr embargo o nordeste, tomamos porto na Mouta a horas que o sol ia já indireitando com a estalagem onde havia de dormir aquella noite.

Como posemos pé em terra, ferram de mim sete ou oito aventureiros que de proposito e assuada nos aguar-

6 *Barco de pescaria.*

davam na praia, e ferraram-me de maneira que não houve remedio de me desasir delles até lhe não pôr ali todas as novas da cidade, em que eu desovei largamente, anaddindo [7] meus trez dedos de contraponto a cada uma; por que esta cousa de novas, se vão assim cozidas na agua tal, sem uma laranja e pimenta como savel fresco em Porto de Mugem, não ha ahi estomogo que as soffra, mormente as que eu trazia, que ainda então acabavam de sahir da tarrafa [8], e não houve tempo para lhes deitar umas pedrinhas de sal.

Cõmo dei fundo ás novas, fui-me recolhendo para os nossos arraiaes; e, antes que o dia de todo embainhasse, puz-me á vista da cidade, que d'ali se enxergava bastantemente, e entre o trom de alguns tiros, que de quando em quando bradavam, não se viam mais que umas nuvens de fumo que por ella se iam levantando, como se toda se abrazára em fogos. Ainda que o pensamento, no meio deste marulho, sossobrava cada paço, não deixou de ver o vulto da mesma cidade envolto em lavaredas, e com roupas despedaçadas por mil partes, sem mais outro atavio que a corôa real, significadora de

[7] *Accrescentando.*

[8] *Rêde.*

sua preeminencia, mas com essa posta por terra, e com os olhos no céo por onde subiam as nuvens que o fogo alevantava, parecia fallar com ellas mesmas. E, com ser entre lusco-fusco, que escassamente podia um homem julgar dos olhos que lhe Deus deu, não faltou um mancebo calafate de Peniche que me disse o que ella [9] fallava que dizia assim:

Nuvens aonde o fogo poderoso,
Como em triumphal carro levantado,
Recolhendo-se vai victorioso
De meus ricos despojos carregado,
Dizei ao céo que em mim tão rigoroso
Sua justiça tem manifestado,
Quando de mim tomar vingança cría
Que lhe lembre que a toma em cousa sua.

E indo desenrolando mais um par de voltas, no outro dia fui-me ouvir missa a uma ermida do logar, afastada algum tanto do povoado; e, antes que entrassem ao officio, sentamo-nos á porta os naturaes e foras-

[9] *A cidade de Lisboa.*

teiros que ali estavamos, e, sem ser necessario tanger campana, entramos em cabido sobre a ordem e successo da guerra; e com fios seccos dados em borda de alguidar vermelho, cortamos duas duzias de conselhos que os podera vestir o principe D. Filippe; e, sem tomar o pulso, sómente pelas aguas, receitamos ali mézinhas que Galeno nunca ouviu nem ensinou. Em forma que ali fizemos e desfizemos capitães, juntamos soldados, trouxemos soccorro, e alinhavamos todo o processo do cêrco; em duas palavras finalmente puzemos o remate á nossa guiza, e prognosticamos para diante melhor que quantos astrologos de semente ficaram aposentados em Arrayolos.

Eu ainda que a tudo isto levava os tenores moderadamente, por não parecer que me tirava fóra do jogo, todavia as mais das vezes punha batoque, [10] e ficava vendo de palanque os votos dos outros, em que cada um delles ficava tão seguro como se tivera os alicerces sobre a experiencia de Julio Cezar e sobre o esforço de Alexandre.

Saindo do conselho, entramos na missa. Á estação,

[10] *Rolha na bôcca.*

o padre, por honra dos hospedes, lançou mais um pucaro d'agua na panella, e com o melhor corte de sufficiencia, que elle achou em todo seu apozento, nos armou um sermãosinho destes miudos que ha pouco sahiram do ninho, e começaram a empennar como francelhos de Ayamonte. Verdade é que o descostume de se ver entre gente da cidade lhe deixava o rosto de vez em quando acatasolado [11], e assim, ás varas, chegou ao cáes o melhor que pôde; e, no discurso da viagem, como tocava em algum baixio, pegava-se logo ás comas rijamente, encarregando-nos muito que nos emendassemos e fizessemos penitencia; porque, como aqui chegava, não havia ahi mais que nadar em alto, sem lhe poder fazer nojo todo o sul de dezembro.

Aquesto [12] mesmo dia, depois de fornecermos nossos ventres com isso que traziamos para jantar, tomamos o caminho para Palmella que são duas leguas não muito grandes, mas tudo charneca tão aspera e desconversavel como um labrêgo, e, com mais carriagem que um arraial de ciganos, chegamos á villa já bem tarde, onde achei a mãe que me pariu, e todo o gasalhado ne-

11 *De furta-côres.*

12 *N'este.*

cessario de que a historia não faz menção em particulares que entram no conto das miunças que por alvará de fóra não conhecem a nenhum historiador.

O primeiro caminho que fiz foi á mui honrada villa de Setubal, a qual achei armada de ponto em branco, com gente de guarda ás portas, primeiramente no paço e por junto da entrada delle por que a soldadesca avultasse. Nos guardadeiros [13] jogavam ao trumfo a parceiros sobre uma lagea com toda a freima do mundo, e com umas cartas castilhanas mais providas de graxa que a cozinha dos padres loios.

A villazinha tomada assim pela rédia, sem lhe mandarem ver os cascos nem a desalbardarem, quer-se parecer a Lisboa, principalmente os picões [14] d'altenaria que se querem tambem inbridar á guisa dos lisbonenses; mas, se lhes homem põe as pernas, é tão facil de enxergar a differença que não ha mister oculos de encaches para vêl-a; mas, sem embargo d'isto, por que estes temporaes a não alterassem, determinei de lhe fazer amainar toda a soberba passada. Entrei por ella em

13 *Casas da Guarda?*

14 *Valentões.*

um asno á brida com dous escudeiros ao lado, que, conforme a direito, era cazo de injuria; porém, ella ficou-lhe em casa sem lhe valer rei nem roque; e eu torneime a Palmella com quatro santolas milharadas que valiam um reino, a fóra uma lagôsta tão bem disposta como as santolas, quando andava então com a sua desova. Tinhà o arcabouço mais vasio que os cascos d'um contralto, e puz logo ahi pontaria neste, porque esta sorte de musicos anda sempre em mingoante, e é tão jazencia [15] nelles a doudice que de muito podre não ha ahi botica que lhes valha.

Isto quanto a Setubal.

E, voltando a Palmella, primeiramente vos gabo o convento que, além de ser caza nobre das mais antigas de Portugal, por ser cabeça do mestrado de Sanc-Thiago, está todo enxertado em uma ventrêcha do castello, e d'ahi joga de ambas as mãos para Setubal e Lisboa, que lhe não fica em uma e outra barra cantinho que não almotasse. Os senhores freires representam seu dito honradamente; mas, como estão ali em sequeiro, os mais delles são algum tanto esgrouviados e mui enxu-

15 *Propria.*

tos, e mais enxutos que bacalháo de vento, tirando alguns merceanos [16] que lançaram tudo em barriga como abobora de regadio, e foi acêrto ser assim, porque desta maneira ficou a obra *sorteada* [17] como manta de retalhos.

Os moços do côro são principalmente bem creadinhos, que parece que estão em corja [18] e guardam ao pé da letra a instituição de Lycurgo, por que diante dos mais velhos não cobrem a cabeça; e trazem já esta cortezia tão afiada que cortára uma palha no ar, como dizem os atafoneiros da minha terra. Para maior nobreza da caza, andam outro sim n'ella ao pairo alguns cavalleiros da ordem que põe de fóra como um jogo de páos; e para estes ha ahi apozentos de fóra separados onde os lançam a curtir como cura de tremoços, e d'aqui se calafetam com os padres e conversam todos de mistura por honra e auctoridade do habito de que toda a terra anda

16 *Serventuarios?* Ou, talvez, pessoas que recebiam alimentos do mosteiro, e se chamavam *naturaes* por comerem as *naturas* ou productos dos bens monachaes.

17 *Variada?* A graça deste periodo é lezada pela obscuridade.

18 *Vinte peças da mesma fazenda e feitio.*

insada, que não olhareis para parte que não vermelheiem.

Sete ou oito, os moradores da villa são todos gente de prol e muito sujeita á proximidade, segundo parece pela casca de fóra; e não sei que planeta predomina sobre ella; porque ainda que deis varejo por todas as pousadas d'alto a baixo, não achareis um rosto onde o deus cupido possa armar uma esparrela: tudo são caras curtidas de vento e carregadas de melancolia; que metade das horas do dia podem andar n'ellas cousas más, se lhes não poserem uma cruz a cada canto como em Valdecavallinhos.

Ora vêde como será isto saboroso a quem não vivia d'outra cousa senão da vista de um rostinho de manteiga crúa semeado todo de rosas mais bellas que as que se colhem nas alvoradas d'abril, *a tempo que l'aurora se va por los collados descobriendo,* e para luz de tudo isto uns olhos azues, e, falto com o joelho no chão, a sombra de um cabello ondado e louro; que, se não trouxera carta de seguro, pelas mortes de homens que tem ás costas, era-lhe necessario andar homiziada [19] dentro no couto de Odivelas. *Vale.*

[19] *A dona dos olhos e dos cabellos.*

IV

Carta do mesmo

Para a perda de bens possuidos muito magôa uma partida; porém, uma auzencia desengana; que, como os gestos tem sempre melhores longes, sente-se mais a falta d'elles, quando a distancia do logar os tira, a esperança os entrega á saudade. Com a de vossa mercê passei agora os dias, contando mil vezes, hora com o pensamento, hora com a lingua as mais que recebi, em sua prezença; a vangloria a que me óbrigava com seus louvores; o gosto que eu tinha de ver com tanta rasão captiva a minha vontade. Estas são as novidades que posso dar de mim nestes poucos dias; pois tudo mais, que tenho nesta terra, me parece menos que o cuidar em vossa mercê; e pois de um logar por ambas as vias tão estreito não ha mais largas novas, quero contar as de meu caminho, que serão de mais gosto pela historia que por serem tais.

Apartei-me de vossa mercê, entreguei-me ao vento e aos barqueiros de Santarem, como quem sahe da vida para o purgatorio. Achei neste companhia, a saber: um lettrado de *nuestra color* [20] que não estava ainda intitulado pela universidade; um poeta ancião, ainda pela medida velha; um frade franciscano que pendia mais para lettrado que para pateiro [21]; um escudeiro de aldêa já de idade, que tinha servido os cargos d'ella sem deixar passar o dado vinte vezes: companhia por certo onde a variedade fazia conversação. Começou-se a atear a nossa com o caminho que era socegado; e, como o estudante me conhecia de muito tempo, não me faltou credito com os companheiros. Demos muitas voltas ao governo do mundo, reformou-se o uzo da justiça do reino, arrepelou-se a boa da poesia, rasões d'aqui rasões d'ali, que mil vezes apartava o molhar da vela; até que, com a fraqueza do vento, falta de maré e preguiça dos arraes pairamos no rio longe de Porto de Mugem; e, como com as horas os espiritos pediam repouso, os olhos não tinham para onde campear, cada um se recolheu como podia, e já conversava com elles o somno a todo o risco. Eu, a

20 Quer provavelmente dizer *da mesma opinião politica.*

21 Frade leigo que tractava dos patos ou fiscalisava o refeitorio: era cargo dado aos mais analphabetos do convento.

quem o logar e o costume o defendiam, sustentei-me algumas horas em saudosos pensamentos, e dentre elles sahiu este falsario:

Ventagem tendes de mi,
doces aguas que correis;
pois fugis donde nasceis,
e eu vou para onde nascí.

Buscais vosso natural,
que é ter o fim mais visinho,
eu contra o vosso caminho,
busco principio a meu mal.

Isto é natural em mi,
como em vós o que fazeis;
ides onde descanceis,
e eu vou para o que nascí.

Com este suspiro me recolhi á companhia de que já o somno tinha tomado posse; e, buscando logar para descançar, achei com a cabeça que a um cheiravam mal os pés, e a outro fedia o bafo, e ao frade que, como costumava dormir só, não podia aquietar-se com os pés nas

estribeiras, alijava-me ao mar como empacho de navio em tormenta; eu, que já ouvira que em cama estreita é bom lançar no meio e deixar aos dos cabos a differença, fugi da certan e dei nas brazas: que, melhorando o logar, fiquei entre dous cotovêllos que, como cerafarios, me acompanharam toda a noute.

Contemple vossa mercê qual iria o pastor Lereno nesta floresta, *Riberas del sacro Tajo...*

Emfim, a pena trabalhosa do caminho, que me atalhava ao somno, veio na madrugada a grangear-m'o. Acordei com mais pes sobre mim que o caes de Povos, achei que estavamos na altura do porto, aonde, saltando em terra, tomamos relação dos alforges que vinham algum tanto acalcanhados. Com o estomago em paz, tomamos cavalgaduras que nos acompanhassem até Santarem, para onde foi o caminho já menos trabalhoso, posto que a calma nos encontrasse.

Surgimos na Ribeira. Achei estalagem limpa, hospeda de boas contas, duas moças que faziam as camas, esteira nova com travesseiro enfronhado, garrafa de vinho em caldeirão. [22]

[22] *Para conservar-se na agua o vinho fresco.*

Despediram-se os companheiros que faziam maior jornada; e eu, entapizado [23] de novo, me fui a Santa Clara visitar aquellas madres desejosas de o parecerem mais que em o nome. Em tocando á roda, fui logo conhecido de uma freira môça que ali acertou de estar. Começaram a desbaratar-se boas palavras de parte a parte. E, em quanto o logar o consentiu á conversação, iamos a bom ir pelos cumprimentos; mas foi a velha tão diligente nos recados, que logo me mandou encaminhar a uma grade das gabadas, a qual tinha muitas pontas de ferro, mas quasi todas viradas para baixo, porque deante de aquellas senhoras não ha cousa que dure no primeiro estado. Ali fui bem recolhido de suas palavras; e, passadas as primeiras, sahiu o triumpho do terceiro peccado mortal, que alli é mais que flamengo no Corpo Sancto. Neste baralho, disse o meu dito, tirei meu jogo a invite; mas, com aquella antiga honestidade das minhas palavras, despedi-me já tarde, furtei o corpo a obrigações de amigos, vim passar a noute na pousada, donde tomei cavalgadura para Thomar; e, posto que fosse o caminho desviado, pertendi de encontrar ali a foão que fôra a Elvas tomar posse de suas heranças. No caminho fui sem aventura. Na villa tinha caza conhecida, onde pouzar.

[23] *Renovado o vestido.*

Ali fiquei o dia seguinte. Ao outro dia cheguei a esta minha patria, que, pela alegria com que a via, me pareceu que tambem me desejava. Ainda o estio não tinha murcha sua virtude; mas já com contentamento meus naturaes e meus parentes com muito alvoroço me acolhiam. Não se póde negar á natureza a affeição e o gosto que é divida commum entre os homens, e ella mais.

Depois das primicias da minha chegada, tudo mais se occupou em lembranças de vossa mercê e d'aquelles bens quasi divinos que por sua parte communicava; mas em fim esses são para vossa mercê; e para mim este desterro.

Se na pena delle vossa mercê deseja a meus males remedio, mande-me muito boas novas suas para que o amor que eu mereci em presença fique agora por lettras seguro, e em mim o nome de creado, a quem vossa mercê o haverá sem razão, avantajando outrem em seu serviço. Ao snr. foão beijo as mãos e me encommendo. Nosso Senhor guarde, etc. *(Nota 4.ª)*.

V

A' morte de um contentamento

Despojos tristes de um contentamento,
Que amor como tyranno sepultou
Nas intranhas crueis do meu tormento,

Agora que o destino vos deixou
Na melhor parte da alma alevantados
Em signal da victoria que alcançou,

Assim tintos em sangue, assim banhados
De piedoso orvalho, noute e dia,
Sempre tristes sereis, sempre acatados.

Tempo foi que a ventura concedia
Com mão tão larga tudo a meu cuidado,
Que prodiga comigo parecia.

Um bem n'outro maior continuado,
Unida a dôce gloria do presente
Com suaves lembranças do passado;

O sol mais bello, mais resplandecente
A novas alegrias me chamava,
Quando as portas abria do oriente.

E quando de esmeraldas se toucava
A terra alegre, e de diversas côres
O natural dos prados variava,

Na verdura dos campos e nas flores,
Como em signal de gloria e d'esperança,
Ensaiava o desejo a bens maiores.

Mas o destino imigo que não cança
De espedaçar o bem, que na alma nasce,
Entre as pezadas rodas da mudança,

Se consentiu que o tempo alevantasse
A tanta gloria meu contentamento,
Foi para que de mais alto o lançasse.

Bem viu que lhe devia acatamento,
Por ser d'aquelles olhos produzido
Onde o poder do amor tem rico assento

Mas, se elle, por meu mal, lhe era devido,
Perdi-o, por sér meu, em 'spaço breve,
Que foi com tanto gosto possuido!

Ali, sobre elle, a morte a mão deteve,
Ali, tingiu em sangue a terra dura,
Que de vêl-o acabar magua não teve.

Só vós, formosas nymphas da espessura,
Que adornadas de lirios e de rozas,
Fazeis mais poderosa a formosura,

Só vós por entre as arvores saudosas,
Que já algum'hora attentas me escutaram,
A males tão crueis fostes piedosas.

As flores que tambem vos imitaram
As lagrimas que então ali chorastes *(Nota 5.ª)*
Em perolas tornadas as guardaram.

E vós, lembranças tristes que ficastes
Por retrato do bem, que a alma chora,
Em quem vós tanto ao vivo debuxastes,

Duro alivio me sois; que tanto outr'ora
O bem vivo e presente me alegrava,
Tanto lastíma retratado agora.

Este era o galardão que me esperava,
Esta a illustre pompa da ventura
Que á fé victoriosa amor guardava!

Sei que lhe morre de todo minha gloria,
Mas ali mostra só para matar-me
Ter vivos os effeitos da memoria.

Se de tamanho mal ouso queixar-me,
Os queixumes dos ventos incitados
Se tornam contra mi a atormentar-me.

E só da causa delles ajudados,
Em defeito da lingua que immudece,
Sem lingua a amor se queixam meus cuidados.

Se amor como cruel os aborrece,
Sendo elles de meu mal rico tributo,
Que a alma em tanto apêrto lhe offerece,
Dias ha que aprendo a merecer sem fructo.

IV

Commentarios saragoçanos sobre os desposorios da saudade com o descontentamento, que se acharam no cartorio de Mulatá Arrais

Refere-se na vida de Cid Ruy Dias que, no tempo que *Amor* andava homisiado por um ferimento que fez na rua dos Fornos, buscando um dia pousada lá bem assima da Gollegan, lhe veio a anoitecer entre a serra do Minde e o estreito de Gibraltar, e fazia tamanho frio que escassamente podia soffrer a roupa sobre si. Porém, ao outro dia, tanto que os almocreves albardaram, foi seguindo sua viagem, mais colerico que um magarefe com sio; e, quando cuidou que estava nas Serzedas, achase afferrado pelas guelras em poder da mais linda moçazinha, linda bebedinha que até hoje apregoou serejas em bandeija.

Como é certo que estarão v. mercês impando por saber quem é, dou-lhe por novas que não é mais que uma entiada do alcaide Tayada a quem os cosmographos de sequeiro chamam *Ausencia*. E foi a doudice abraseada de maneira que, de requebro em requebro, os taes senhores se engataram. E o bom do rapazão, assim nedio e folgativo como sua mãe o pariu, deixou-se estar amancebado com a cachopa seus quatro pares de mezes; e, se o não poseram na visitação, ainda agora ali estava ancorado na cuba da Boa-vista, com quatro figas nos pavezes para o madraço do palmellão. Todavia, o fermento obrou logo, e a senhora veio a levedar; e, quando o padrasto se não percatou, como ella assim andava choca, saiu-vos aos sete mezes com uma rapariga que depois chamaram *Saudade*.

Dizem que, no dia do seu nascimento, appareceram sobre o Cabo de Espichel quatro bilhafres embuçados, e, sem mais tirte nem garte, saccudiram de cima da tolda um papeliço de amendoas marquezinhas com muita malaguêta entre ellas, e não faltou na praia logo um olheiro das almadravas [24], que desembuçou duas duzias de prognosticos alvidrados sobre aquelle acontecimento os quaes, virados, vem a dizer assim:

[24] *Armadilhas de pescar atuns.*

Assaz póde comsigo quem, ausente do bem que ama, póde dissimular as saudades delle.

Saudades de quem ama são tributos da ausencia, toque da firmeza, exercicio do pensamento, e desengano do pouco que o tempo póde sobre affeições bem fundadas.

Saudades ao longe e conversação ao perto são as melhores guarnições que amor tem nas suas fortalezas.

Não é lanço de animos grosseiros deixar-se penetrar de saudades e tomar por alivio a continuação d'ellas.

Muitas saudades, depois da gloria, bem merecem muita gloria depois das saudades.

Ora folgai lá com o villão muito ruim, mais barbado que um feixe de pórros! Em tempo que não ha gôta de palha nas lezirias, se mette a philosophar sobre saudades; mas, tornando a sirzir a historia, (perdôem-me v. mercês, que me ia já inchendo de colera) diz o chronista que, tanto que a menina passou os annos do berço, assim como ia crescendo na idade, assim crescia tambem na gentileza, se não que era tão merencoriasinha que não se havia de em casa intender ninguem com ella.

Todo seu passa-tempo era buscar logares solitarios, onde estivesse a seu gosto, fazendo retratos do que mais lhe pedia a vontade. E dizem que sahiu tão prima neste mister que, de dentro de Saboia, vieram aqui dous piruleiros (?) encamizados a buscar certos paineis feitos por sua mão; e depois se levaram de presente ao sogro do grão Turco, juntamente com umas beringelas e uns cavallinhos fustes [25] que lá comem esperregados pelo inverno, que são maravilhosos para dôr de madre; e nós somos tão malhadeiros que os temos aqui todos os annos e nunca nos sabemos aproveitar delles.

As horas, que não gastava nisto, ficavam-lhe reservadas para a poesia em que veio a empolgar-se de maneira que de conceitos de Petrarcha e de Garcilaso e de outros beberrões se lhe fez um charco á porta, aonde andavam mais rans que na ponte de Sôre.

E, como o pai soube isto, começou logo a dal-a por douda, e não lhe errava muito o alvo, porque isto de espirito mortificado, se não acerta de levar muito lastro,

25 *Cannas com cabeças fingidas de cavallos*, diz o *Dicc.* de Constancio.

ás duas pancadas, quebra; e, quando menos, a ficar bem livrado não lhe fica fardel de sizo que não alije.

E então d'aqui logo descambou para a muzica, que é outro paul onde não ha senão atolar até os joelhos. Verdade é que todo março esteve ella em cura para ver se podiam desencarnar-lhe estas humidades; depois disso a purgaram duas ou tres vezes; esteve em regimento de passas e biscouto mais de seis mezes; mas não lhe aproveitou tudo isto mais que para desengano de quão pouco montam remedios quando a natureza está de contrabando.

Comtudo, assim doente, era tão formosa que as senhoras Hipolita com todas as outras madamas que andam nos pelouros [26], ficavam aldeanas deante d'ella. E entre outros servidoros, que lhe pagavam páreas, o que mais se assignalava entre todos era um sobrinho do cardeal Granvella, [27] por nome *Descontentamento*, que todas

[26] *Nos pregões da fama.*

[27] Não podemos intender a allusão incapotada ao celebre ministro de Filippe II. Deste cardeal diz o visconde de Santarem no *Quadro Elementar:* «era reputado por um dos mais habeis politicos do seculo XVI.» É fadiga inutil tentar intender o sentido destas referencias allegoricas de Seropita.

as tardes lhe passava á estardiota, com um capuz desorelhado mais carrancudo que um provincial biscainho; e dizem que trazia dó por uma *Esperança*, que lhe morreu de bexigas, á qual queria muito, por ser filha de uma sua collaça. Como esta coisa *dó* não tem hoje taxa pela camara, foi-se-lhe metter em cabeça que não satisfazia com menos de todas aquellas oparlandas. [28] Elle, tomado assim em couro, sem o mandarem desemmastrear, parecia salmonete vivo que anda aqui requerendo na côrte serviços do conde Platinuples, com dois lacaios de vinha d'alhos, mais tisnados que as queixadas d'um ferreiro.

Estes amores duraram alguns annos; e, ainda que a senhora dissimulava com o negocio, que esta é a bitola por onde todas querem navegar á custa da nossa paciencia, com tudo com as primeiras aguas de maio vieram carvalhais a amadurecer, e pouco a pouco foi ella melhorando. E as lavaredas iam já tão altas que cobriam os picarôtos dos telhados; por que esta cousa de bemquerença tem uma manqueira que, como se ateia pelas obras mortas, não ha ahi mais que arder coração, e cada um bote as barbas de remolho.

[28] *Roupa larga, talar com mangas.* Allude ao *capuz desorelhado.*

Passados estes encontros, tanto que elle esteve certo do muito que ella lhe queria, em hora assentada, se juntaram n'um jardim, e depois da primeira surriada de comprimentos e requebros, que são mais certos nesta paragem que almocreves em Setubal, amainou a pratica algum tanto. E, porque as vontades estavam já cahidas de maduras, pareceu-lhes a ambos tempo de as vindimar; e, por não ficarem á cortezia do inverno, despozaram-se mui rijamente; todavia, o marmanjo do noivo era ainda de uns certos picavecos apetrechados que todo seu cabedal empregam em contemplação d'amor, e temvos por grande desarranjo soltar a trela a um desejo, por que não acerte de dar uma mordedela no respeito de sua senhora; mortos por uns primores de olandilha que elles trazem empapelados todo anno e mais guardados do vento que uma ferida da cabeça. Para não perder o freio a este seu bom costume, acamou todos os seus pensamentos, e tremendo como doente de terçans dobres, *sus ojos bazos y brandos y muy modestos*, se recolheu para casa onde despendeu o restante da noute, em fabricar mil castellos de vento, no que em fim se resolvem todas as fabricas do mundo.

E com isto se dá fim a estes desposorios, ficando reservadas as festas das vodas para outro dia, em que houve notaveis acontecimentos; porque hora se não po-

deram embarcar nesta viagem; mas ficam com a matalutagem feita para partirem no primeiro navio.

Não me agradeçam v. mercês este presente, porque se achou entre uma papellada velha, e guardou o sua ventura para agora dizer o seu dito. *Vale.*

VII

SONETO

a umas lagrimas de uma despedida

Quando de ambos os céos cahindo estava
O rico orvalho em perolas formado,
E, sobre as frescas rosas derramado,
Egual belleza recebia e dava;

Amor, que sempre ali presente estava,
Como competidor de meu cuidado,
N'um vaso de cristal d'ouro lavrado,
As gôtas uma em uma enthesourava.

Eu com os olhos na luz que, aquelle dia,
Entre as nuvens do novo sentimento,
Escassamente os rios descobria,

Se me matar, dizia, o apartamento,
Ao menos não fará que esta alegria
Não seja paga egual do meu tormento.

VIII

SONETO

a uns olhos

Formosos olhos, onde o amor descança
Em ricas esmeraldas reclinado,
E do resplendor d'ellas rodeado,
Até da luz do sol victoria alcança;

Se entre essas altas mostras de esperança
Guarda o destino alguma a meu cuidado,
Ferí com os raios n'elle, e, despertado,
Mil flores abrirá de confiança.

E, se, entre tanta gloria, amor consente,
Que só para mim falte o effeito d'ella,
Por que em mi seus poderes exp'rimente,

A culpa será só de minha estrella,
Não vossa, onde o bem todo está presente,
Nem da alma que em sorrir-vos se desvela.

IX

Satyra

Afuera, afuera, pensamentos mios! (*Nota 6.ª*)
Começo logo entrar por castilhano,
A ver se o canivete tem bons fios.

Amor é tudo burla, é tudo engano;
Faz em cada baralho mil maçadas,
E sabe mais tregeitos que um cigano.

Com trez bonançazinhas mal fundadas,
Mais falsas que promessas d'alquimista,
Nos traz as esperanças enforcadas. [29]

[29] Esta expressão de *esperanças enforcadas* era mui valida de Camões. *Mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então.* (Carta 1.ª).

Cuidais que descobrís grande conquista;
Vindes depois a achar-vos n'um deserto,
Faminto o gosto, e mais faminta a vista.

E, se chegais co'a causa mais ao perto,
Mandai correr a folha ao bem passado,
E achareis mil querelas em aberto.

Que cousa é ver um parvo namorado!
Surto a um canto aonde enxerga a dama,
Conhece-o toda a rua, e anda embuçado.

Enforquei minha esperança,
Mas amor foi tão madraço
Que lhe cortou o baraço.

(MOTE.)

E repete o mesmo tercêto na comedia de *El-rei Seleuco.*

E, como isto acertou de ser na Alfama,
Por um apêrto da matanteria [30],
Traz trapo na algibeira para a lama.

..... [31] a picardia,
Vai-se ao Campo da Forca onde sem pejo
Lhe desove no verde a fantasia.

Ali, n'um só momento, dá varejo
A quantos pensamentos traz por caza,
Mais nedios que um mulato d'Alemtejo.

Outro que em affeição todo se vaza,
E, por nobreza só de seus cuidados,
Tem diante d'amor cadeira raza,

30 Nos vocabularios portuguezes encontro o termo obsoleto *matante*, *brigão*, *chefe de valentões* e *facinoroso*.

O nome collectivo de taes sujeitos cumpria ser *matanteria:* nem temos outro que melhor corresponda ao francez *brigandage*.

31 Palavras inintelligiveis.

Traz seu par de conceitos afiados,
Que um dia ouviu n'um raro a certas freiras,
E tem-se por farol dos avisados.

Outro que cursa á tarde entre as padeiras,
Com luvinha picada e ramalhête,
Perservativo contra as sardinheiras,

Namora-lhe os amores um grumete,
E não mantém por mais contra elle a guerra,
Que pela confiança do topete.

Outro, que traz a espada feita serra,
De matar cão que lhe ladrou de noite,
E corre arrodelado toda a terra...

E não ha um meirinho que lh'a coute!
É parvoice por de mais da marca,
Que lhe não dêem por isso infindo açoute.

Outro, que tudo traz fechado na arca,
E, por não arreiar os seus segredos,
Namora á Boa-Vista de uma barca;

Falla sempre comsigo, torce os dedos;
E, porque a compleição não perca o rumo,
Come-lhe por dieta ovos e bredos.

Outro, curado como arenque ao fumo,
Com um calção azul e uma jaqueta,
Quer que todo o céo lhe caia a prumo.

Zomba-vos do burato e da baeta,
E co'uma capa só de arbí de Chaves
Não perde em seus amores por solêta.

Outro, que anda enfronhado entre os graves,
Com um bigode legitimo barreto [32]
Que de cá donde vai toca nas traves,

[32] Emprega o poeta o termo no sentido em que o tomava a engenharia militar—pela semelhança dos bigodes com os angulos salientes do *barreto* ou *barrete*.

Mais torto e mais direito que um espêto,
Encerra-se a trovar um mez arrêo, [33]
E, no fim delle, sahe com um soneto.

Outro, galante como um camafeo,
Preza-se de anafil [34] limpo e escolhido,
E elle vê-vos meado de senteo.

Contra o por receber e recebido,
Vende-se por discreto á rapariga,
E vai-se como cantaro fendido.

Outro, com seis arrobas de barriga,
Namora uma menina de dez annos,
Que lhe chora no colo e dá-lhe figa:

Tem sessenta no rabo, e traz abanos
Copados de canudos, e de ordinario
Lhe sahe a bem-querença dos tutanos.

[33] *A fio.*
[34] *Trigo moirisco.*

Outro, ligeiro como um dromedario,
Que em casa do escrivão e do advogado
É mais certo que ninho em campanario,

Tem a sua amasia preza, anda acossado
Por lhe solicitar o livramento
Com ferragoulo sempre sobraçado.

Outro, que se leveda sem fermento,
Sobre um quartão de Irlanda de seu amo,
Namora umas fidalgas a S. Bento.

Na trança do chapéo traz sempre um ramo,
E, se encontrar rascão seu matalote,
Lá o sabe avisar pelo reclamo.

Outro, que anda com negros em magote,
E vai-se ao chafariz com quartinha [35]
Co'uns chichellos nos pés e sem pelote,

[35] Bilha.

Anda assado por uma mulatinha,
Que viu bailar um dia de terreiro
Á porta d'uma negra sua visinha.

Outro, ancorado em tenda de barbeiro,
Onde as novas do mundo se lentejam
Namora com achaque de soalheiro;

Ali contam da dama, ali praguejam,
Os outros todos delle, igualmente
Com pragas e remoques se cravejam.

Outro, que veio aqui de Benavente,
A rascôa que viu na mancebía,
Diz que é a mais bella dama do occidente.

Não lhe sahe do portal hora nem dia,
E ganha um par de coices na jornada
Com que em fim se aquistà e se resfria.

Mas para que é gastar mais papelada?
Quem topar co'amor, benza-se delle,
E empregue antes o seu em pinhoada. [36]

[36] *Pinhões confeitados com mel.* Era golosina deliciosa n'aquelle tempo.

X

Pârrafo notavel sobre as barbas deste mundo, agora novamente agorentado por Bernabé de Soria, alcaide mór de Fonte Rabia e Feitor da caza de Bruxellas

Nunca desejei cousa como ter de meu quatro mil e quinhentos réis de tempo ao canto da arca para comprar tudo de umas considerações venesianas, que se aqui venderam ha poucos dias, ácerca das grandes e differentes sortes de barbas que a natureza prantou nas queixadas dos homens deste mundo. Porque:

Vereis villão de uma barba sôfrega, em que todo anda cozido, que parece que barbôa á cinta; e é tal a fertilidade do sitio que, se a inçarem de dous cazaes de coelhos de Almourol e um par de côrças, em dois dias farão uma coutada tão populosa, que lhe não dê pelos

artelhos a de Almeirim, e ande a rojões. E os useiros deste feitio assentam os priostes de architectura que são todos pela maior parte bons de mar, foliões na quarta caza e grandemente affeiçoados a um calção azul, vis que se atacam d'uma penada, não comem senão do calçado velho, e tem já ali seu freguez que lhe dá as solas do pescoço; e, pelo natal, vem vestir os seus meninos á jubetaria. Tanto monta tomar de coz por o toutiço como pelo topête, porque todas as peças deste taboleiro até os altos das orelhas, andam debaixo d'aquellas emboscadas como corredores de campanha; de modo que para lhe haverdes vista de um olho, é necessario dois mil gastadores que desbarbem a vereda. E tende-me tento nestes, que deste pé se calçam os mais dos confrades de S. Fr. Pedro Gonçalves, e ao domingo jogam as mantas em taverna.

Vereis outros, pelo contrario, que parece que jogaram as barbas ás vaias, e depois de as perderem todas, de puro dó delles, lhes deram de barato quatro ou cinco cabellinhos, com que dizem seu dito. E, além de serem tão lisos como marmore de bate-folha, entram nas capitulações de seus officios a serem luctadores de marca maior. Se vos não luctam de bicos, como os outros rapazes, espremem um peccador entre os braços como feixe de lagar, que não fica ponta da fressura que lhe

não esmaguem. E a primeira vez que vem a talho de fouce dar-lhe uma talhada da vossa conversação, porque saibais em que tom haveis de cantar, desembolçam-vos logo cinco alqueires de historias que lhe succederam em bigodes, declarando-vos de quando em quando a theorica da esgrima, e pondo-vos nas nuvens a folha da sua espada, sobre que elles levantam mil testemunhos falsos ao biscainho.

E, se estes não estiveram em descredito com as damas, por parecer que lhes faltam as pertenças de papa, podera-lhes dar um homem de bem foro em sua casa para dias de tormenta, em que são necessarios um par de feitos de sobre-mão, ou para uma monção de ir dar musica em um bêco sem sahida, para que elles entrem com montante de ambas as mãos, com seu casquinho e colxoado, com mais ferrugem que macha-femia destroçada em caixão de caldeireiro. O jogo em que se matriculam é o arrequi de pedir, e não foram mais adiante por que lhes immanqueceu o sendeiro.

Com estes vos não aconselho eu que vos piqueis de palavras; por que se prezam de trazer as suas forradas de obras, e não se lhes dá nada de povoarem a enxovia.

Vereis outros com umas barbinhas de Entre Douro e Minho, que parece que lh'as pediram pela fregnezia, e acabaram a esmola em arméos de estopa, e nem com uns oculos de Jacques *(Nota 7.ª)* sabereis differençar se são louras, se brancas: sómente vêdes aquellas febras de linho cánamo muito raras e crescidas, e vem-vos côr de os malsinardes á justiça por injuriar a dignidade e preeminencia das barbas. Estes taes são todos colericos em demazia; e, se os não tomais depois de jantar com a alegria do vinho na cabeça, já nunca vos calefetareis com elles. Os mais graves deste rancho vestem vinte-quatreno [37]; os outros a sua saragoça parda com seus botões pespontados, tamanhos como fártens [38] da Beira.

Os cabos da espada de muitas guardas, os talabartes do beliguim do Rezende, a bainha muito queixosa da conversação do tempo, e das rapasias que lhe elle fez. São outro sim jogadores de bola, mortos por acertar a via d'uma tranquilha [39] e por levarem um vinte de ro-

[37] Eram usados os panos assim denominados *vinte-dozeno, vinte-ocheno, e vinte-quatreno.* Tiravam-se estes nomes do numero dos fios da urdidura.

[38] Eram umas empadas de massa doce encapadas de côdea de farinha triga.

[39] Termos do jogo da bola.

deio torcendo a bôcca para o dito vinte, desengonçando-se todos como indemoninhados; comem cabeças de gorazes todo anno, e pelo tempo das uvas são affeiçoados a um cacho açaría [40]; mas não entreis com estes em arruido, porque são mofinos em brigas e no melhor da festa vos mostram os calcanhares.

Outros ha de uns barbeiroens tudescos que lhes dão palmo e meio abaixo da cintura, e representam-vos assim um ermitão da serra da Sardenha que deixou os habitos em Tenerife, e anda aqui vendendo pedras de sevar; e, se o engastardes em um bermeo de Inglaterra com um barrete de quatro cantos, coberto de ranhoada [41] como talho de assougue, parecer-vos-ha Aristoteles sacudindo metros ao longo da Ribeira de D. Garcia. E os monsiores desta laia bastam só para enriquecerem os herdeiros da imposição, porque todos pagam páreas

[40] Parece que quiz o auctor fazer um calemburgo que soasse como *cachaçaria*.

[41] Diz Viterbo (*Ilucid.*) que *ranhoada* é fressura de carneiro. Moraes e Constancio conjecturam ser erro; mas não declaram onde o erro está. O termo, no sentido em que Soropita o emprega, já Viterbo o encontrou n'um documento de 1316. Claro é que ainda no começo do seculo XVII era vocabulo popular e corrente.

a uma taverna, e não bebem senão por taça mais sarrenta que ourinol na cadêa da corte.

São todos mui affeiçoados a cousas de Portugal, o velho, e lembra-lhes do bispo Pinheiro, quando começou a pregar, e das festas do principe, a que elles chamam o bom tempo; e não se amancebarão de uma capa de arbim de espada e de uma roupêta de escarlatim, ainda que os excommunguem.

São jogadores do tocadilho e prezam-se de chocarreiros, em que pez aos dados, e tem para cada lanço um rifão velho em conserva como nogada com que tempéram a freima do taboleiro. São mortos por umas sopas da panella que cheirem a segurêlha, de que elles fazem mais mysterios que mouros do seu Alcorão e da sua caza de Meca.

Outros calçam-vos uma barba tosada, toda murzela de alto a baixo, e tão basta em si que para um pente entrar por ella ha mister que se arme de ponto em branco. Vem ella todavia por sua estrada direita, e não sai da madre por mais trovoadas que haja; e os supplicantes são todos geralmente façudos e de umas caras mais largas que escarpeadas, de maneira que se lhes poserdes um avental diante, jurarei que são cosi-

nheiros de sua alteza, e que aguardam pelo leite para o manjar branco. Suas condiçoens principalmente são passadas pelo escamel [42] da simplicidade. São jogadores do trumfo; e, sem verem ponta do astrolabio, só pelo tinir do cascavel vos sabem logo onde jaz o páo. E prezam-se de enforcarem uma sota em mão de confusão, arreganhando se todos ao recolher da *porcolice (?)* Os mais delles andam de seus chapéos de cordões, como phisicos velhos, e agasalham a embigada em uns calções de grize com dous palmos de berguilha, que parece cara de gomil de baptisar; os juboens de pánno de linho singelos, muito curtos da marquezota [43] porque o pescoço não tem vasadouro para mais.

Para desconto destes ha ahi uns a que por seus peccados cahiu por destribuição barba lutherana tinta de açafrão falso que basta para damnar um pensamento que por meia hora se occupar n'ella. Estes taes desde

[42] Como quem diz *purificador*. Tira a analogia do banco em que os espadeiros dão a ultima de mão ao brunido das espadas. Figuradamente, disse Jorge Ferreira na comedia *Ulyssipo:* «O ser namorado é o *escamel* de toda a galanteria».

[43] Chamou-se assim um manteo em tempo de D. João III.

o alicerce até o aljeroz [44] são cofres de malicia, que não achareis em todos elles dous dedos de proximidade, aonde o bom zelo possa fazer uma choupana. Não ha iguaria de que mais gostem que de vos atirarem aos focinhos com uma praga posta d'aquella hora como ovo fresco, que elles amassam debaixo de um remoque achado nas barreduras dos Autos de Gil Vicente. E, depois de fazerem seus remessos, ficam tredos sobre vós até o quarto gráo. Se lhes olhaes para a cara, achais mais de seis almudes de sardas acamadas umas sobre outras como sal em marinhas. E, tomado cada um pela frontaria, parecer-vos-ha lagarto em Badajoz que vai com uma appellação dos rendimentos do verde aos ouvidores da Rota por mandado do bispo de Placencia. Mas o bem que tem é que os conhecereis logo pelos sobrescriptos como as cartas do Turco; e, como trazem bom chocalho, não vos podeis inganar com elles senão por vossa culpa. Não particulariso as mais confrontações, porque este feitio de barbas não tem posto certo como os ciganos.

Achareis outros que se vos presentam com uma barba mourisca que se parte em duas estradas, como o posto [45] do chafariz d'Arroyos, russa, carda e mais viçosa

[44] *Telhado.*

[45] *Sitio.*

que rabaças em agosto; os cabellos compridos até os peitos, a côr do rosto baça, e todas as mais feiçoens tão justas ao proposito que se os enxalmardes em uma marlota cramesi e lhes enrodilhardes ao redor da testa dez ou doze varas de bengala, parecér-vos-ha que estaes em Fez á porta d'uma mesquita. E estes taes senhores são carregados como pelas de chumbo, e tão arrebitados [46] no silencio, que para lhes tirardes do gorgomilo uma palavra, certo haveis mister d'uma duzia de puchavantes ou o guindaste da Ribeira. São jogadores de Xadrez, e aturam o fadario de jogal-o quatro dias inteiros sem nunca amainarem mezena nem traquête. O seu vestir mais certo é um chapéo de uma fôrma quadrada do tempo do duque de Coimbra; a roupêta de umas hombreiras largas e abondosas que lhe dão por meia perna, uma espada loba na cinta, outro sim do mesmo tempo, de quatro dedos de larga, que fenderá um tabellião das notas até ás verilhas; umas calças de garrotea presas a um colete de estopinhá de sedeiro; as botas de giolheira pintadas para um postilhão; e, para um dia de importancia, manda limpal-as com uma laranja assada e azeite com dous reis de pós de escudar. Porém, assim como os vêdes, são todos homens de negocio e não vos tratam senão verdade encascada; mas hade ser com tanto

46 *Soberbos.*

que hão de levar ou tractar de retorno, porque de outra maneira armar-vos-hão sobre as sobrancelhas umas carrancas de trez sobrados, aonde possam jogar trez colobrinas.

Pois os mantenedores das barbas castelhanas? Achalos-heis a cada canto com cruzinhas de S. Lazaro; mas o que me vinga d'elles é que se o padre Viriato, em quem nós outros os portuguezes, como em campanario da villa, arvoramos nossas presumpçoens, ou alguns dos chefes das nossas grandes cazás acertaram de os topar em alguma encruzilhada, e lhes viram alli trazer á vergonha aquellas cunhas de fender linha, sem o sêllo com que antigamente costumavam correr as nossas mercadorias, não duvido eu nada que lh'as tomaram por perdidas, e lhes dessem por penitencia estar cinco mezes em um paul das lesirias, disputando-se com seiscentos francêlhos que lhes arrazem a barba até os alicerces.

E já que descemos a esta paragem, quero saber do mundo qual opinião introduzira n'elle trazerem os homens os talhamares de pontes nos focinhos, que se acertam de andar acompanhados d'uns bigodes francezes destes de mais da marca, que andam trez palmos de fóra da raia, fica o peccador d'um homem com um triangulo de Euclides nas queixadas; e, se tem que passar pela

rua dos Fornos, ha mister ou embainhar os bigodes, ou ir á bolina como caravella em travessia. Pois se lhes tomais o pulso? Achais-lhes um frontespicio de treze varas, que, por lhe chegar de cá do remate d'aquelle pontal da pendura até ás pontas do topête, não se escusam um par de estalagens pelo meio, em que os charamelas ou almocreves se fortaleçam como em charneca de Alemtejo. Mas o que até agora está averiguado por certidão de duas parteiras é que não nasce este desarranjo de outra cousa senão que os pés trocaram as voltas com os focinhos; e assim como o rombo das barbas se passou de mergulho para o calçado, assim delle para os focinhos se trasladou o pontiagudo; e com ficarem assim pés por cabeça, achareis homem que se não negará a uma barba castelhana ainda que lhe deis entre dois pretos a capitania do castello de S. Angelo. E assim alguns ha que se pagam tanto d'ella, que com não terem de seu mais que trez ou quatro cabellinhos amarrados cada um por seu cabo, e mais apartados da conversação que um excommungado, andam-vos pela metade da capella d'el-rei, como se trouxeram alli uma barba de dois altos como brocado, tão grave e autorisada que se lhe não possa fallar senão por *Paternidade*.

Quanto ás mais miudezas desta gente, não é possivel apontal-as; porque, como as sobreditas andem tão

sabidas, que tudo anda inçado d'ellas, não ha barba que possa abarcar tanto.

Topareis outros que se arream de um arrepiado picão que faz tremer o queixo a tresentos Roldoens, os bigodes levados em alto com uns bençarroens almagrados por entre elles, e os deste toque são roazes até os ossos; tudo roncas e feros em que elles trazem annexos uns juramentos extraordinarios tão fraldados e copiosos que os não levantarão trez mariolas. A sua bota é sempre picada, e tem alvará do inverno para, na maior lama de Lisboa, não intender com elles a rua de Mataporcos.

Guardam lealdade á baeta, e lá metem por debaixo d'ella jubãosinho de tafetá preto atraiçoado, de que descuidadamente dão vista, aonde lhe releva, com um desprêso cavalleiroso que vale mais que vinte cruzados. Na espada guarniçoens frescas, e seu punho de alquimia, as luvas retalhadas como azeitona de conserva, e o dedo polegar sempre de fora, que forçadamente lhe haveis de ver que tem bojo para duzentas toneladas de valentia. Os manteos alvos, e ás vezes copados de canudos, e o chapéo porta com porta com as sobrancelhas, e a aba larga para á sombra d'ella se agasalhar a cara dos ditos delinquentes tão povoada de espinhas carnaes que a

cada passo vos ladra uma. Para seu comer tem uma michella, que lhes perfuma os calçoens, com quem a certas horas se embebedam, e tão boas amarras lhe tem nas ancoras, que quantas mais vezes as espanam, então tem ellas por mais cristalino o amor que lhes elles tem. E chega-se a isto que, quando venta algum nordeste e não ha na bolça cunhos nem cruzes, nunca falta toalha de cantareira das senhoras com que logo batem moeda. São useiros e vezeiros no jogo da pela; e, se não ha pendencia que lh'o estorve, vão ouvir umas vesperas de bainheira, e sobre trez vintens de musica, que de lá trazem, arrojam em roda de seus matelotes cem libras de louvores da caza com o vinho sobre ostras. Tratam-se familiarmente com os pasteleiros, e por sim ou por não pagam-lhes de quando em vez com um «compadre» que sempre lhes rende dois tostoens de pasteis fiados para um lanço que succeda. Cursam ás terças feiras no Rocio, e namoram-vos saloia de baetilha de cassa, que, por tempos, lhes vem comer á mão como gatinho mimoso, e depois que jaz nos piozes acode ás vezes com um requeijão empapellado em sete arrateis de panos com um mólho de cravos almiscarados, e lhe pagam com canada e meia de *buenos dichos* na algibeira, que, ainda que requentados, servem para um rebate que tome a um homem com as calças na mão. E, conforme a isto, cum-

pre á risca todas as mais condiçoens e cautelas do foral da matanteria.

E, como a este genero de barbas lhe pertença por seu regimento onde quer que as acharem, fora de seus fautores e apaniguados, podem livremente coutal-as. Tem outro sim em caza do amor privilegio de allemaens, e não pagam caza nem portagem de nenhuma carta de amores.

Afora estas iguarias de barbas ha outras muitas que armam de fora como em jogo de bola, como são umas indiaticas que parecem as entornaram pelos focinhos, e fazem na ametade do caminho uns descampados, aonde podem passar trez quartoens de Irlanda, sem se toparem cabeças ao voltar.

Outras que jurareis que andam homisiadas, por que não sahem nunca debaixo da coberta, e lá no invez da garganta fazem suas festas e pagodes, e tudo o mais deixam despovoado, sem haver em toda a quantia das queixadas mais do que um cabellinho de quando em quando mais solitario que um poeta de Coruche.

Não trato das que começam porque estas taes não entram ainda no mappa mundi, e não tem outro reme-

dio para não ficarem em camarço senão mandarem-as estercar, como as hortas de Alvalade até que o pano dê mais de si e saibamos de que freguezia são.

Passo tambem por outras anómalas compostas de mais misturas que o campo do duque d'Alva, nos quaes achareis todos os significados das outras barbas sommadas por algarismo; que, se podessem ser repartidas em rodomas com seus rotulos de lettra càbidoal, [47] eram bastantes para povoar uma botica maior que a do Peres em seu tempo.

Ácêrca dos bigodes ha outros muitos appontamentos; mas, porque agora se não podem gastar, ficarão postos para outro dia, que não serão máos para uma merenda na horta Navia com dois pares de lagostas femeas, mercadas pela matanteria, com borrachinha de vinho palhete que chame o vento a terra.

47 Como quem diz: lettra *garrafal.*

XI

SONETO

Doces cuidados meus que já algum dia,
De ditosa esperança acompanhados,
D'aquelles olhos fostes estimados,
Onde amor tantos bens me promettia;

Agora que a mudança, que eu temia,
Aos pés da ingratidão vos tem lançados,
Queixai-vos só de mim; sois meus cuidados,
Achastes o que achou minha alegria.

Differença é só que ella se acabou
Entre as garras crueis d'um pensamento
Que o céo para matar-me destinou;

Mas vós, livres das mãos do esquecimento,
Viveis para matar-me; que al não sou
Que abismo de temor e de tormento.

XII

SONETO

Do grande mar do meu tormento antigo
Como aurora d'amor sae a esperança,
Vestida já de luz que de si lança,
O sol que eu sempre temo e sempre sigo.

Ao seu apparecer foge o perigo;
Aonde quer que a claridade alcança,
Rompe o véo negro da desconfiança
Que juntamente approvo e contradigo.

Mas o secreto d'alma, inda toldado
Das nuvens negras com que antigamente
A cercou por mil partes meu cuidado,

Se a luz de tanta gloria inda não sente,
São effeitos crueis do mal passado
Que lhe não deixam ver o bem presente.

XIII

Prognostico do anno de 1595, o qual se achou no bucho de um elefante na Ribeira de Coruche

Por não ouvir tantas vezes apregoar aguardente, cavalguei ess'outro dia em um pensamento murzelo tão airoso e bem embridado como um ginete de cem mil reis, e fui-me por esse mundo adiante, onde vi toda a costa da fortuna mais infamada de naufragios que os bancos de Flandres, aonde andavam ao pairo todos os estados do mundo, e muitos delles já desbaratados da tormenta, de que não havia mais rastro que uns poucos de pedaços que as ondas trouxeram á praia, porque as soberbas da terra nem no bojo do mar cabem.

E lá fui achar uma esperança minha com o goroupez feito pedaços: a lhe ventar duas horas palmellão

fôra fazer companhia aos caranguejos mouros. E eu sou tão eivado de confiança que me pareceu estava ella já ancorada na Boa-Vista com cartas de ventura na prôa, para nenhum perigo intender n'ella, posto que fosse salteador da serra de Montargil ou guarda da alfandega, que ambos se fizeram por um molde como galhetas, ou corsario dos portos sêccos. Se não quando, voltando ao cabo de Espichel dou de focinhos com trez lanchas esquipadas, onde vinham quatorze atuns crioulos, mais ladinos que mulatinha de folia, e dizem que forçosamente havemos de bailar uma pavana; mas eu lhes esquentei as orelhas de maneira que, por me desamuarem, abriram um fardel de cuzcuz de Guiné, e tiraram de dentro o mais reverendo prognostico que nunca pizou uvas em lagar; e, aberto por uma ilharga como ostra, dizia:

PROGNOSTICO DE JANEIRO

Depois que o monarcha dos celestes lumes, antes do primeiro e sexto dia deste mez, chegando aos terminos do occidente, esconder o resplandor de suas setas no horisonte, levantar-se-ha a escoria da humanidade, e com as intranhas dos animaes estendidas sobre as mortas plantas, romperá o silencio da escura filha da terra,

sem ter receio das nocturnas harpias, até chegar á posse dos desejados metaes.

COMMENTO

Primeiramente, este snr. astrologo, quem quer que elle seja, deve de ser do humor dos phisicos, que, podendo receitar por termos intelligiveis, embuçam os remedios debaixo de tantas cifras que só os boticarios lhes sabem as serventias; porque toda a sustancia deste tão temeroso prognostico se vem a resumir, que, na noute de vespera de janeiro e dos Reis, andarão cantando e tangendo pelas ruas, sem se temerem da justiça, por serem noites privilegiadas em que não correm o sino. Então para dizerem isto não se contentam com menos de chamar ao sol monarcha de celestes numes, e aos raios setas, e aos janeiros escoria da humanidade, e ás cordas das violas intranhas dos animaes, e ás mesmas violas plantas mortas, e á noite filha da terra, e aos alcaides nocturnos harpias. Mas pode-se-lhe perdoar tudo, porque soube atinar bem com o titulo dos villoens ruins que essas noutes vos perseguem; porque, quando vos não percatais, achail-os á porta com seu pandeirinho eivado já do serão, e com mais sarro na garganta que as cubas dos frades loios; e, com tudo isso, vos poem em

estado que forçosamente lhe haveis de louvar aquella musica de agua-pé com chocalhada que toda a noute vos zune nos ouvidos como bizouro, e sobre tudo isto haveis de lhe offertar os vossos quatro vintens; e, quando lh'os entregais, a candeia vos descobre o feitio dos ditos musicos: um mocho com sombreiro com mais chocas que um corredor de folha, e lança-vos baforada de dentro d'aquellas fornalhas, que parece que toda a vida estiveram de vinho e alhos como entrecôsto de marran. Ora tomai-vos lá com a musica que houvéra de estar metida em barças finas como vidros de Veneza, e mais reservada que uma virgem vestal, e vós achail-a atolada em dois bebados por curtir, aonde se não enxerga mais que um pedaço de focinho, com uma barbinha falsaria e mais suja e mais tisnada que bragas de carvoeiro.

Tambem lhe acho razão em chamar aos alcaides nocturnos harpias, porque estes monsiores, tirando alguns que acertaram de não encandilar, assim andam de noute á pilhagem como se foram navios de Rochela; e sempre ha algum milagre extraordinario, se as tendas dos algibebes acertassem de ter voz humana, e as capas que estão nellas podessem dizer o caminho por onde ali vieram, e respondessem ás folhas dos beliguins e apaniguados que andam de noute com a justiça. Quantas culpas lhe sairiam, ás quaes o erro dos homens dá outro

dono!..; mas não empecemos aqui, porque o prognostico nos está acenando de cima do campanario.

PROGNOSTICO DE FEVEREIRO

No principio deste mez a ave grande, imitadora da natureza, entregando nas mãos de seus ministros os delicados apozentos das sollicitas abelhas, os transformará com varias côres e diversas figuras em pomos e flores; e, ao setimo dia, uma das sete furias que residem por fronteiras contra os castellos da virtude, acompanhada das outras, estenderá seu imperio sobre a terra, e dará grande occupação ás officinas dos nossos corpos.

COMMENTO

Já o nosso astrologo vai amainando, e vem á mão. Elle devia de ter suas duas onças de poeta, porque aqui corre agua russa e devem os lagares de estar perto; e emfim elle quer dar-nos a intender a safra dos cerieiros por dia de Nossa Senhora das Candeias e da honrada festa do Entrudo, onde a gula com a ira e luxuria a que

elle chama *furias*, tem particular assistencia, em rasão dos pagodes e das brigas e de outros conchêgos que então se fazem. E tratando primeiro dos cerieiros, elle [48] é negocio estremado ver dois mil basbaques moscateis mais espinicados que um pintasilgo mimoso, que empregam os seus *reales* em negrinhos de cêra, e quando a bolça está debilitada que não póde levar os tenores, a isto mui legalmente e como bons e fieis madraços, surgem logo á porta do qual cerieiro, entre tresentos rapazes, com o pensamento tão picado d'aquella occupação, como que importára o estado do Xarife.

E tambem desta manqueira vi eu sangrar já muita gente de capa preta, principalmente aos que pagam páreas ao snr. cupido que nesta conjuncção fazem grandes alardos. Porque, se tem a dama rapariga, é justo que lhe mandem cestinho de meio tostão em que ás vezes se fazem grandes viagens, se acerta de ir o preto em pellosinho, quando a simplicidade bota os corninhos ao sol como caracol entre funcho. E, se a dama é de maior porte, diz então o repertorio que se lhe deve man-

[48] Este pronome pessoal, sensivel imitação franceza, ainda hoje nas provincias do sul se emprega no mesmo errado sentido que tem no texto. E' de crer que, ha trez seculos, soasse portuguezmente.

dar rôlo branco, com seu par de cirios bentos, e um bilhete com dois offerecimentos bicaes de que se tira grandes interesses, porque, todas as vezes que se accendem os rôlos, se accende a lembrança de quem os mandou, e succede de atear-se o fogo pelas obras mortas e não bastar toda a agua do pôço do Borratem para o apagar.

DO ENTRUDO

Quanto ao Entrudo, é festa de rascoens, por que lhe celebram as vesperas com muita tanhada e sambarcos [49] com que perseguem os pobres dos saloios, tão soberbos por lhes fazerem uma travessura, como se tomáram Masagão de uma pennada. A festa do dia avulta mais n'elles que na outra gente; porque, como trazem a fome em viveiro, todo anno estão de fios seccos para aquella conjuncção, e cortam por todo genero de mantimento que se lhe offerece, até verem se podem desquitar-se do passado; e, tomada a sobre-meza para assentarem o estomago, vão lançar o Entrudo fóra com

[49] Penso querer dizer *com despejos de lixo e sapatos velhos*, que era um significado de *sambarcos*.

matalotagem de trez mil pulhas de sobrecelente e umas que vem aqui em conserva nos atafais dos almocreves; e andam tão destros n'ellas que de duas leguas as conhecem pelo faro; e praza a Deus que entre elles não haja muitos senhores de paquife e cimeira que tambem neste dia fazem armazem de barriga; e a estes desejo eu de perguntar que mal lhes fez o carnal no discurso de tantos mezes, onde os foi sempre visitando diversidade de animaes, tornando sempre á risca; que a quaresma acaba cumprindo com sua obrigação, com tanta puntualidade, sem pedir espera como rendeiro, nem quitação como almoxarife, para que n'aquelle dia perêça a confiança da sua tornada, e assim se despidam d'elle como se nunca houvera de tornar. Mas, emfim, este é um dos males que se fizeram fortes no costume; e, como estão tão trincheirados, não será possivel entral-os.

MARÇO

Depois que a inimiga dos animaes terrestres e aérios, em o seu grande carro de sete espantosas serpes, chegou ao ultimo limite dedicado a Saturno, achar-se-ha a alegria disfarçada em habitos estrangeiros, de que no mundo pequeno resultarão grandes novidades; e, na

mesma conjuncção, os infelizes amantes, que no premio de seus desejos foram achar o castigo d'elles, postos em desacostumadas clauzuras, provarão o effeito de peregrinos medicamentos.

COMMENTO

Tambem aqui temos nosso pedaço de máo caminho; e, ainda que sobre este passo ha diversos intendimentos, o mais commum é que por esta inimiga dos animaes terrestres e aérios se intende a *quaresma;* pelas sete serpes as *sete semanas,* pelo limite dedicado a Saturno o *sabbado da paschoa,* pela alegria disfarçada em habitos estrangeiros a *alleluia,* que é palavra hebraica que significa *allegria,* pelo mundo pequeno o *homem,* pelos infelizes amantes postos em clauzuras desacostumadas os doentes de boubas que se curam neste mez pelos peregrinos medicamentos, salsa parrilha e o páo da quina, e assim toca dous pontos deste mez muito notaveis.

Porque já o alvoroço de se acabar a quaresma traz comsigo mil circumstancias á estardiota que se não podem dissimular, principalmente aquella velharia, tão cursada de todos, de armar os folares com raminho verde,

e andar espreitando a dama com trezentas atalayas para a prender; e ella está já com o passe na algibeira muito segura com outro raminho; e quando acertam tomarem-na desapercebida lhe será forçado pagar a coima com folarzinho de oito ovos, que cada um d'elles mettido nas goelas para dentro ha mister um estomago de êma para o degirir. E então, como os desejos estão esfaimados da abstinencia, tanto que os desencorporam, assim se arremessam elles á carne como um gavião legitimo; e sobre tudo está o sangue de modo que ha mister ferros, e a concupiscencia algemada para que não acerte de fazer alguma descortezia aos bons propositos que o homem traz da confissão; que tambem como o tempo começa de aquentar, se os não salgam muito bem e os poem de fumo entre os prezuntos, aos dois dias se damnam e não ha narizes que os aturem.

A cura das boubas tem tambem muito que considerar; porque vereis um pobre penitente, costumado a pesar os ares com a folhagem dos seus enganos, e dar varejo a toda a calçada do Congro, onde as damas de um só olho tem abertos mais visinhos do que tem o pombal de João Baptista de pombos; e agora serrado em uma estufa com trezentos cobertores de papa sobre si e mais abafado que um fermento, estar posto a destilar como flor de laranja em alambique, e continuar com

aquellas regras de observancia de não comer senão biscouto e passas, e fazer grandes determinaçoens de não bolir mais com a louça — as quaes são como vento de tormenta, que logo que as ondas se desencorporam vão dar na garganta do esquecimento que as engole para sempre. — E, depois que se levantam, por mais que vos ellas pregoem saude, e venham mais brunidas que uns cabos azulados, já mais lhes podeis perder o arco. Assoldadai vos lá com o amor que dá este pago á gente de sua caza!

Até aqui basta para esta carta-lege. Assim, pagarão as moradias, comerão os cortezãos mais pinhoadas nestas festas. Vossa mercê receba a boa vontade, e dê copia deste cazo ao meu amigo..., a quem não escrevo em particular, por que dei agora no regimento de Setubal que não dou uma carga senão por outra. Nosso Senhor, etc. A cinco de Janeiro de 1595.

XIV

SONETO

Ya de esperar estoi desesperado,
Ya de sofrir se acaba el sofrimiento,
Ya de pensar seança el pensamiento,
Ya bivo del bivir desconfiado.

Absente muero e bivo desterrado,
Entregado de suerte a mi tormiento,
Que para el bien me falta el sentimento,
Por que en su ser el mal me ha transformado.

De um loco me aconsejo, siguo un ciego,
Sin alas buelo, fundo sobre arena,
Un elemento encierro en chico vaso.

Qual salamandra me sustenta el fuego,
La libertad me serve de cadena;
Tão excessiva pena es la que passo!

XV

Carta para certa senhora de Lisboa, feita por um seu affeiçoado, na banda d'além, em resposta de outra sua

Andei dando mil esfolagatos ao armazam de meu intendimento, revolvendo-lhe todos os escaninhos por buscar alguma iguaria que servisse de alcaparra á que lhe mandei; que, com razão, estará infastiada della por duas cauzas. A primeira por ser tão comprida, como d'aqui ào Rocio da feira; e a segunda por tractar em sonhos; que diz o castelhano: *que los suênos suênos son.* Esta, senão morrer nessas mãos, valha sem cunhos; *(Nota 8.ª)* porque não côrra a minha opinião o risco a que se expõe os que passam pela ponte de Coruche; que eu sou demonio; e, quando quero, me transformo em mais figuras que Protheo, por que como Leandro não posso passar o Hellesponto desse rio amado, segundo

aquella regra de: *Sufrase quien pênas tiene* etc. [50] Pois me vejo entre o malho e a bigorna, como lá dizem, colhendo pensamentos nos hortos de Tantalo para morrer a desejos. Por que olhe que os martyrios em que vivo não se amarram a diaponte ou diapasão, que são multiplicados em mais pontos que a mesma musica; e, senão, digam-o meus abemolados suspiros, que, fazendo mudança em mim, cantando-os por natura me ficam já naturaes, e os rigores da auzencia, *b*-quadro da desesperação, me faz entoar uns tiritonos incantaveis que me dão com um páo na paciencia. E, para mais ajuda de perna quebrada á minha custa, quer aquella negrinha dos pés queimados da fortuna que faça sustenidos estes pontos, como se fôra em sanfonina de cego; pois eu sigo um, elle me fará rezar ás portas cedo; que isto tem quem se fia de cão que manqueija. Mas já que heide bebel-o ou vertêl-o, serei como o espartano manco que, perguntado para que ia á guerra, respondeu que levava proposito de não fugir. E bem sei que sirvo a quem me não hade tirar as barbas de vergonha, nem os pés do lôdo; mas eu dou de minha parte a vontade com um esforço e animo, que não venha cá aquelle mancebo ar-

[50] O complemento do anexim: *Que tras tiempo tiempo viene.* Está glosado nas *Rimas* de Diogo Bernardes.

peiro [51] que matou o gigante Engolias; nem aquell'outro que com a queixada d'um burro (ou como se chama) matou tantos philesteos; porque quem dá o que tem não é mais obrigado.

51 Tangedor de harpa.

XVI

Satyra, na data de umas cadeiras a um fulano de Figueiredo que era torto de um olho; e a um fulano Correia, judeu.

Ah que del-rei, que morreu
O nosso Pero dos Reis!
Por que vem a ensinar leis
Um tortoles com um judeu!
Acuda-me o povo meu,
Que é necessario gran peito
Para ver que sem respeito
Andam jogando as pancadas
Um judeu com leis sagradas,
Um torto com o Direito.

Vede que boas liçoens
Estes dous vos podem dar!
Um póde cabras guardar,
Outro, por cabras, cabroens.
Quem lhe tirára os calçoens,
P'ra sacudir-lhe o cotão;
Pois nunca vos servirão
Nem de pouco nem de muito,
Uma figueira sem fruito,
Uma Correia de cão.

O judeu e o zarôlho
Ambos se deram de pé;
Por que um manqueja na fé,
Outro manqueja d'um olho.
Quem os pozera n'um mólho
Como o bom Sylva deseja,
Para que n'elles se veja
Cumprida a lettra perfeita:
Tarde o torto se indireita;
Guardar do cão que manqueja.

Ambos são do mesmo olhar,
Cegos, tortos, aleijados,
O judeu por seus peccados,
O torto por se entortar.
Oh! quem os fôra lançar
Para sempre nas galés!
Por olharem de travez,
Condemnados com certeza,
Um por lei da natureza,
Outro por lei de Moisés.

Bem claro e notorio é,
Que são cegos: não o nego.
Que um mais que outro é cego
Pois não vê a sancta fé!
Quem o vira dizer *mé*
Em uma choupana afogado,
Por ser mestre declarado
Não destas nossas escholas;
Mas de quantos mariolas
Tem a bezerra adorado.

Pois o torto é um rocim
Que não merece a cevada;
O judeu não sabe nada,
Nem ainda ladrar latim;
Oh! quem fizera um motim
Para os lançar ao povo;
E, se por razões os movo,
Fizeram um bom conselho;
Que um não serve por velho,
Outro não serve por novo.

Tenho por certa razão
Que nenhum escapa d'esta;
Que um é unha de gran besta,
Outro nariz de gran cão.
Quem lhes dera um bofetão
Com que o torto se fizera
Mais direito do que era,
E ao judeu, por bem das gentes,
Lhe botára fora os dentes
Para que mais não mordêra!

Certo que é para sentir,
Meus senhores estúdantes,
Ver lentes a dous bragantes
Que muito são para rir!
Que não se sabem vestir,
E vem n'esta occasião
Por alta ordenação
A ler nos nossos geraes
Dois cerrados animaes,
Um por burro outro por cão!

Não vençam logo taes lentes!
Se vierem, sejam mortos;
Se não, direi que sois tortos,
E do Correia parentes.
Sêde muito diligentes
De lançardes taes indinos
De vos darem taes insinos;
Que andem por esses alquebres;
Um d'elles a tornar lebres,
Outro a desmamar meninos.

XVII

Descobrimento das ilhas da poesia, novamente composto por Cid Ruy Dias, condestable de Benavente, Imperador de Cacilhas, capitão-mór da poesia em garganta.

Por que o rio era alcantilado, ainda bem não poz [52] o pé no chão, quando deu comsigo nas fraldas dos montes de Oviedo, que então estavam tosados e aparelhados para o recebimento da rainha D. Urraca, quando foi tomar posse de uma mercearia do Espirito Sancto da Pedreira; mas, como a noute se não passára

[52] Não descubro quem poz o pé. O merito das metáphoras seria duvidoso, se as podessemos intender sem auxilio de graça superior.

de ameijoada [53], andaram assim *sobre pentem* [54], até chegar á praia onde os aguardava a fusta encantada em que o sabio Merlim foi fazer armação aos bacalháos á costa do Hellesponto.

E, porque o murrão se ia acabando, metteram-se n'ella a horas que o sol vinha com uma manga de mosqueteiros sobre o meio dia; porém, como o patacho era bom de véla, ainda bem lhe não largaram a redia, lhe cahiram as ferraduras, porque o prioste de Azambuja lhe não pôz os fueiros á sua vontade. Todavia, assim como poderam, vararam com elle no estalleiro da ilha, tão mal tractado d'uma esquinencia que mais de seis dias não pôde ourinar.

A este tempo era já chegado o recado do almoxarife, que se lhe não fez, por guardar segredo a uns quadrilheiros da Idanha. Esteve por desabaldar o mu-

53 *No jogo.*

54 O significado d'estas vozes era diverso do que deve intender-se aqui. N'um sermão d'Auto de fé do padre Francisco de Mendonça encontramos: «Deus se contentava com o castigar a de leve (o povo judaico) como *sobre pentem*, e se não era *sobre pentem*, pelo menos não passava da pelle». Aqui intende-se o sentido, estabelecendo que *pentem* e *pente* tanto monta.

lato [55] em quanto fazia o piloto sua nevagação do bergantine; senão, quando, fallando com reverencia, appareceram por prôa as tres cydras d'amor selladas e enfriadas para almofaçarem os pipinos de Enxobregas.

A primeira cousa que fizeram foi correr a cortina: Sobre uns camêlos de Irlanda appareceram as seguintes personagens em suas estancias.

Primeiramente, assim no topête da obra appareceram certos aventureiros, pagens da lança da tolice, cujo officio é escutar contos proluxos de uns certos mangazes desencadernados que, primeiro que preguem um lanço do que querem contar, irão cem vezes a Roma; e os ditos mecos [56] assim lhes aguardarão pelo fundo da obra, como se de suas mãos houvesse de sahir as tabuas de Appeles. E se vem á mão, ou por a historia não ser tão branda que se deixe facilmente conversar, ou pelos seus intendimentos serem de ferro tal que não cortarão por um queijo fresco, ao cabo de os pobres historiadores torcerem o queixo trezentas ve-

55 *Mulo* ou *mula.*

56 *Libertinos.*

zes e metterem toda a munição que podem para se declararem, ficam elles tão virgens do negocio como se nunca ouviram nada.

Na segunda estancia andava outra laia de parvos, inimigos capitaes da conversação, que, por mais necessidade que tenham de se caldearem n'ella, para remedio da sua manqueira, andam por outra parte tão amarrados a uma opinião, que se deixam antes envelhecer na estrebaria que buscar um bom pasto, onde se poderam fazer mais nedios que mula de cardeal: a estes não lhes vale a egreja, porque são parvos de proposito.

A terceira povoação era de uns entremettidos, quando o não hão de ser, que sem tempo nem sasão chegam aonde os não chamam, e de qualquer metal que sae querem fazer sua porsoleta; mas, como, por sua natureza, levam sempre uma carta branca, não ha hora em que elles a não convertam em trumfo, em ganha-perde; porque, se mais praticam, peor lhes vai. Arrematando o sermão, lançam em conta seiscentas parvoices por hora; que se assim moêram as azenhas da Barquerena, foram a melhor renda da europa.

No quarto assento tinham o seu aposento os que

se presam de graciosos, sendo mais desenxabidos que uma abobora; porque acertaram alguma hora com algum ditosinho, fiados de acharem algum parvo que o festejasse, cada dia fazem feira d'elle, e matam mais gente com suas graças que peste de ar corrupto. A estes manda a Ordenação degradar para a ilha do Principe, porque são poderosos para em duas horas despovoarem uma cidade maior que o Grão Cayro.

Do quarto logar eram possuidores uns que, sem joeirarem o que lhes dizem, são mais ligeiros em dar credito a tudo que um ginete africano nos campos de Arzila. Qualquer nova que vem, assim se lhes incasqueta na cabeça como se fôra um evangelho; mas por derradeiro quando o tempo lhes descobre o invez do que elles cuidam, ficam tão decepados que nem bolem comsigo; e, se lhes perguntais pelo que criam, respondem-vos que ainda Deus tem muito que dar. Porém, a doença destes é mais perigosa que uns priorises de quatro arrobas de pezo, porque estão armados para crerem em Mafoma em duas horas.

Apoz estes, no seguinte logar, ficavam os desconfiados, gente trabalhosa de metter a caminho, por que não móe senão em aguas vivas como muinhos da banda d'alem; e se acerta por mal de peccados de vir um

riso desencaminhado, eis as brigas nas mãos, de maneira que perante elles ha-se mister mais sizo que em refeitorio de capuchos. Todavia, ainda este genero de corrimentos são algum tanto trabalhosos pelas regras de medicina. Acham os philosophos mecanicos que se os ditos delinquentes com alguma purga de ruibarbo acertarem de evacuar aquelles humores grossos que se lhes põe sobre o coração, que ficarão de geito para se n'elles armarem quatro tendilhoens em que possam dormir a sesta dois pares de merecimentos sem os embrulharem de noite; porque, emfim, males que nascem de vergonha são filhos de bons pais.

Na setima parte da obra, andavam em seu fadario outro genero de parvos que no outro tropico ficavam aos passados rosto a rosto, os quaes sempre perdem por carta de mais; tão vãos e confiados no que fazem que com quatro soldados cuidam de fazer mais maravilhas que Carlos Magno. O costume d'estes é com sentenças de baque averiguarem duvidas para que o parlamento de França havia mister sete annos: e, o que poer é, querem que tudo seu seja sem apellação nem aggravo; e, quando lhes metteis a mão no peito, achaes tudo faulhas, sem haver cousa que tenha alicerce, nem estalagem aonde o aviso alguma hora pousasse. E, com tudo isto, querem governar o mundo, e não ha cousa

que não pêchem, nem certeza que não contradigam. E, para serem mais vendaveis, todo anno andam com catarro; e chega-os o seu engano a estado que uns se presam de moucos e não ouvem senão á quarta carreira; outros dizem que tem a vista curta e gastada, e dão logo em trazer um oculo, e sendal a que se remettem em qualquer reboliço. E nestes taes não intende o regimento da justiça porque são parvos de mais da marca.

E a outava esphera povoam os guilhotes [57] deste mundo, fraudadores de uma gente leve e bem assombrada que, com aquelles que não tem nenhuma satisfação d'amisade, despendem suas moedas; e, acabo de os banquetearem, vão-se os outros mortos de riso para casa, e elles cuidam que lhe ficam devendo dinheiro. E, a fallar verdade, é rasão que quem se obriga a conversar um parvo, a peor iguaria que se põe na meza do intendimento, tenha seu salario certo nas bolças destes taes; porque de outra maneira já o aviso andaria por portas. E, por esta razão, este genero de parvos tem menagem na meza-grande; e na procissão de Corpus-Christi levam bandeirinha no sirio como moedeiros.

57 *Velhacos.*

No derradeiro passo, guardavam os que por seu pouco saber e simplicidade vão á sirga por este mundo, e não são pêgas nem gavioens. Para a virtude tibios, para a malicia descubertos; de maneira que não são do mar nem da terra como tartarugas. Se lhes entregais um negocio de importancia nas mãos, dar-vos-hão com tudo a travez; se lhes fallais cousa que vos releve e vos elles intendam, haveis mister uma polé de tratos para os guindar assima; e—o que poer é—se por algum dezastre vem a pêllo fazerdes-lhes algum offerecimento, ferram d'elle como sanguesugas, e não vos largam a trela até vos não desempenhardes. Sem quê nem por quê vos contam historias de seus antepassados; e, quando homem cuida que estaes já barra fora, então arripiam a carreira e vos tornam como temporal para o logar donde sahistes, sem terdes maneira de vos desquitar, porque vos tomam de empreitada e forçadamente haveis de ser mantenedor do campo.

Outros, que pelos seus peccados tocam de poetas, desenrolam-vos uma bola de metros d'agua russa, mais versados [58] que malvas em monturo, com uns conceitos da grossura do mastro da náo Garajão, rombos como forma castelhana que nem para entulho prestam; e, se

[58] *Crespos de rama.*

lh'os não gabais, dizem-vos logo que lhes haveis inveja. Com estes entram outra sorte d'elles que, aos domingos, namoram do canto da travessa; os quaes, pela maior parte, não sahem de obreiros de official que para este passo se almofaçam de maneira que vos parecêram uns infantes de Lara; mas destes não faz a historia menção porque são parvos de corja. Ha outros, muito similhantes a estes, que pedem cartas de amores para suas damas, e para pôrem de sua caza alguma couza acrescentam-lhe trovinha de cartapacio ao pé, tão ufanos por que a souberam enxerir que se tomáram com dez Petrarchas. Aos deste toque, porque com habilidades alheias quizeram mercadejar, condemna o tempo a cornos perpetuos que é o castigo que melhor calça ao seu erro.

Outros ha que por serem da carregação não entram na lenda; mas basta para elles o Chiado que lhes soube assentar as costuras.

Por esta ordem estavam as infermarias da Ilha e não tinham conto os povoadores d'ella. O almocreve, que tal viu, mette mais dous remos no galeão; e, se lhe não ventára uma travessia, não dobrara o cabo em dez annos; porém, como tangeram ás matinas, logo, no baluarte esquerdo, por um fio de barbante se deixou cahir um cartel de desafio com a seguinte tersetagem:

Quando os passados bens me representa,
No mais secreto d'alma, o pensamento,
Que quanto mais os vê mais se atormenta,

Tal forma tomam neste apartamento,
Que nada me dá agora mor tristeza
Que o que me dava mor contentamento.

E quanto tive a gloria em mor largueza,
Tanto é agora maior a perda d'ella:
Que onde o poder é mor, mor é a preza.

E já, se consentira a minha estrella,
Que tivera esperança de cobral-a,
Como tive receio de perdêl-a,

Somente aquelle alivio de esperal-a,
Na força do que quero sustentado,
Me alcançára vigor para alcançal-a.

Mas, segundo do tempo sou tractado,
Bem posso recear que algum descudo
Me roube o galardão do meu cudado.

E, quando aquella fé que eu nunca mudo,
No maior perigo seu melhor guardada,
Que a quem tudo entregou merece tudo,

Então dos bellos olhos desprezada,
Com tão pouca razão seja esquecida
Com quanta deve ser sempre lembrada.

E, se para isto só, grangeio a vida,
Muito melhor partido me seria
Antes de mais perder vêl-a perdida.

Por ventura que assim descançaria,
E, mettendo me a vida em tanta affronta,
Acharia na morte cortezia.

Nestes medos amor meus bens desconta,
E não me val a minha confiança,
Que se muito montou, nada já monta.

Cança-me o tempo, cança-me a tardança
Com que elle corre, e a alma que trabalha,
Quando elle tarda mais, menos descança.

Entanto, em vão, suspiros vãos espalha;
E qualquer bem, que possa descançal-a,
Sempre amor lh'o atalhou, sempre lh'o atalha.

Pois, se os males que passa, acaso falla,
Não tem parelha a dor dos que descobre
Com os graves tormentos dos que cala.

Antes quantos mais são mais os encobre;
Até que por crescerem juntamente,
Dobrando-se o segredo, o mal se dobre.

Porém, como lhe lembra que o que sente
De lá de vós lhe vem, nunca é tão triste
Que logo isso a não faça ser contente.

E, como o seu bem todo em vós consiste,
Comvosco só se val, a vós se acolhe;
Que onde vós assistis, só gloria assiste.

Lá na luz desses olhos se recolhe,
Onde com larga mão se lhe concede,
Quanto cá justamente se lhe tolhe.

Mas depois que é forçada a que se arrede,
Outra vez de seus males combatida,
Em vão se queixa, em vão mercê vos pede.

Assim passa uma auzencia tão comprida;
E, se ainda tenho vida desta sorte,
É por que intende amor que a propria vida,
Vivendo eu como vivo, é mais que morte.

Em cartel cahindo, accudiram logo da banda do sul quatro picadeiros da Pedreneira, que carregaram de tercetos para Veneza; por que se suspeitava que esta cousa de males da ausencia se gastaria lá ás punhadas. Nisto, desceu uma nuvem pespontada de retrosilho, e n'ella escanchado o deus Cupido, vestido de bretão com uma gorrinha de meia volta na cabeça, e jurou pelo juramento do seu officio, que passava na verdade tudo o que o delinquente dizia, por elle tirar a devassa mui miudamente.

E assim se achou pelos autos, e a historia é acabada. Boa prol lhe faça.

AUCTOR

A dita tercetagem vai com o sangue na guelra. Fez-se a uma senhora de muitos merecimentos estando em Sacavem, em uma quinta sua, e o pobre do servidor na praia do Tejo, carregado com os ferros de suas saudades. Tem um artificio secreto, que vão revesados os tercetos; um que na derradeira regra tem a mesma palavra duas vezes, e o outro apoz elle tem a derradeira palavra contraria tambem á da ultima regra. E

assim continúa desde principio até o cabo. Em Lisboa não cuidem que sou eu o namorado; por quanto, ha dias que rapei as ordens a cuidados amorosos. *(Nota 9.ª)*

(Impresso em Taxarede por Jacques de Bonzar, Mestre Sala de el-rei de Mandinga).

XVIII

Segunda parte do descobrimento da poesia, composta por Ruperto de Alançon, rendeiro do Reguengo de Catalunha, e prioste da ordem de Calatrava em Porto de Moz

Tanto andaram os bons dos picadeiros que lhes veio a anoitecer no caminho bem junto das Canarias a tempo que a massada era já feita; e por mais que o conde bradou de cima da portela, como o alvião estava desencavado, não houve outro remedio senão desenrolar a bandeira; e, á maior preça do mundo, se metteram pela toca com tão bom partido, que lhe não faltava mais que uma duzia de esteiras [59] de tabua para ganharem sua negra vida na estrada de Port'Alegre, onde lhe deram por novas que áquella hora desembarcaram perto de trez

[59] *Enxergoens.*

mil tubaras da terra mais barrigudas que um abbade da Beira; porém, porque o ceifeiro não ficasse arrenegado, dissemos nós que dessem querena áquelles navios; e que, se depois ventasse algum vento nordeste, ninguem nos tolheria que barrufassemos as cubas; e, quando o dom das gavias fosse de tão má condição que não deixasse empar [60] o parreiral, então ficava mais facil tomar os chamelotes para os corpinhos, e tirar-nos de boccas de gentes que não sabem mais que descarnar pensamentos para nunca darem palmo de terra em que vivam [61].

O conselho era tão bem assombrado, que antes que partissem os mulos do azemel, vararam com a fusta em terra, e não montou pouco, por que, n'aquelle mesmo tempo, eram chegados á fortaleza os moldes das carapuças; e pareceu bem a todos que, tanto que a avaria se despejasse, logo se fizessem de vela os dois patachos; e, para mais ajuda, se fosse necessario abrir o paul de

60 *Amparar*, ou *estacar*. Ainda hoje se diz «*empar* as vides».

61 E' notavel e admiravel a trapalhada de todo este periodo e do seguinte! Ha 260 annos os talentos transcendentes provavam-se d'aquelle feitio. A singeleza sublime era fôro e privilegio da poesia. As prosas de Camões denunciam pouquissimo o poeta dos *Lusiadas*.

Salvaterra, que não faltaria quatro palmas de vahia, ainda que o vendaval andava picado e se podia suspeitar qualquer desarranjo do abegão. Todavia, para maior certeza, desencapoeiraram um dos girifaltes; e, dando recado ao juiz do officio, a quem pertencia a terceira parte da pescaria, tomamos o nosso bergantim mais lizo que um nicho de alabastro, e com nossas esporas de roda calçadas demos comnosco nos ninhos das cotovias, em que pez ao barrabás que, a este tempo, era partido para Arganil com mais de trezentas almotolias vidradas, que o almirante de Aragão tinha para o cêrco de Tarife. Para maior desconcerto, quando cuidavamos que a briga era acabada, sahe de dentro do tinelo um selvagem cerzido pelos cantos com suas nominas de seda, mais loução que um noivo de Abrantes, e no pião da testa trazia em lettras verdes, como limo do rio, um rotulo que dizia: *Desastres e desvarios deste mundo.* Ao pé delle seguia-se uma lenda de coisas notaveis, que eram as seguintes:

Primeiramente, mancebinho empennado de cabo e coma, que se vai como cantaro fendido todo em galantarias, se por mal de peccados acertar de andar contra a pragmatica; e, estando ao canto todo enlevado em seus amores, com a dama á janella, que, por furtar a volta ao mundo, o não olha mais que de meio relêvo.

Eis passa um meirinho que vem com colera nos narizes, porque o vinho que lhe trouxeram á meza era um tanto vinagre, e, sem mais lhe catar ordens, dá sobre elle de subito e o entrega a dois bilhafres que o levam á cadeia. Este é um desastre que não deixa palheiro em pé como cheia do Tejo; porque, alem do pobre namorado estar seis dias á sombra, e mais depois lhe sahirem da bolça certos tostoenzinhos de pena, fica totalmente desacreditado com a dama, e de maneira que dá em uma hora de travez com tudo o que em cem dias andou alinhavando; e, se depois torna á teia, custa-lhe tantos quintaes de vergonha, que já os interesses, que d'ahi em diante lhe podem correr, não valem metade das despezas.

Outro que se preza d'uns encrespados bem feitos, e, por não estar á cortezia de canequi [62], manda engomar o mantéo e compôl o de canudos, por que ao outro dia hade fallar á dama, e lhe releva ir bem encordoado de novo. Então, porque isto era no mez de dezembro, e por falta do sol, que andava n'aquelles dias embuçado, lhe era necessario valer-se do fogareiro, e acertaram em casa de descuidar-se e deixaram o mantéo sobre uma cana a enxugar; succedeu, pois, que o

62 *Lençaria da India.*

gato ia no alcance d'uma prêza, e, quando foi ao dar do pulo, deu com a cana em baixo e com o mantéo no lume. É desastre que deixa um homem em sêcco, como caranguejo em maré vazia; e, se o mantéo é de feitio que lhe não está bem de fêsto [63], lhe é necessario esperar outra monção, e mandar tosar duas duzias de desculpas com que se apresente seguro deante de seus amores, porque de outra maneira é cazo de o mandarem riscar dos livros.

Outro que tem a dama andeja e já da laia d'umas que filham romaria no cabo do mundo, á primeira vez que lhe cahiu na trilha fez-se em pontos d'amor para se topar com ella; mas, depois que surgiu onde queria, indo acompanhal-a a casa, mais embridado que ginete cortezão, ao dobrar d'um canto deu com seu pai de focinhos, que havia dias que lhe andava buscando o rasto; e, ao passar, lançou-lhe uns olhos que passariam um arnez de Milão: é dezastre de pancada como fechos de Flandes, e fica um homem tartameleando duas horas que não sabe se vai em céo se em terra.

Outro que, depois de escapar de cem encontros de tormentas, que neste archipelago d'amor dão com mui-

63 *Do invés.*

tos á costa, veio por derradeiro a ventar-lhe por pôpa em posse dos seus favores. Fallava á dama algumas vezes de noite; até que amarrado a esta anchora, uma noite de chuva, com duas pipas d'agua sobre si, vem ao posto costumado, e tanto que viu bolir a janella, pareceu-lhe que era a senhora; e, estando com o ponto no alvo, entornam de cima panella de ourina seidiça, dando-lhe com ella nas trombas. É desastre de dois pêllos como veludo de Toledo; por que sobre levar trinta esmechadas para caza das encontradas que ás escuras dá pelos cantos das ruas, vai tão injoado d'aquelle balsamo, que d'ahi a dous dias se não acaba de desempoar.

Outro que havia quatro mezes que não via a dama com esta febre no corpo, depois de fazer mais termos que doente que está em passamento, passando-lhe um dia pela rua, a horas que ellas armam as suas esparrelas, acertou de enxugal-a por debaixo d'uma adufa; e, como queria bem de quanta força tinha, ficou arrebatado de maneira, que, perdendo o norte a tudo mais, dá com as queixadas em um saco de carvão que um villão levava ás costas e fica mais negro que se lhe deram com tinta de retroz. É desastre que desarma um homem de quanta confiança traz nos alforges; porque a dama deu rizada de cima que estrugiu na rua; e elle, perdendo de todo as estribeiras, não tem mais repouzo

que metter-se na primeira estrebaria que acha, até ver maré que sem vergonha do mundo navegue para caza.

Outro que sahiu de sua casa para ver sua dama que o estava aguardando a hora certa; e vai ser tão pouco venturoso e mimoso da fortuna, que, aos quatro passos, cae na mão de um parvo de duzentas toneladas que se lhe poem a desenfardelar dous mil almudes de comprimentos mais ôcos que uma cana de chafariz; e, quando o pobre do homem se quer sahir do atoleiro, começa o outro de novo a perguntar-lhe novas da terra; e, se por se escapar faz que as não sabe, poem-se elle, por lhe fazer mercê, a contar-lhe as que sabe, acrescentando-lhes de caza seu par de moralidades, como se viera de proposito a tomar-lhe o vento. Est'outro que está impando como hydropico por ladeira assima, não faz senão despedir-se o mais honradamente que pode; e, quando ao cabo de hora e meia o outro põe a aldraba ao postigo, dizendo que em todo o caso o hade acompanhar? é desastre primo-co'irmão do pezadêllo que deixa um homem moido para toda a sua vida. E, quando chega á estancia, sabe de uma negrinha da casa que a môça esteve aguardando trezentos annos, e é-lhe forçado com este temporal invernar em Moçambique, e trazer certidão dos medicos que não faltou por sua culpa.

Outro que, em um domingo á tarde, com barba feita de sobremão, namora em um terreiro onde é mais conhecido que padre cura d'aldea, e depois de ter cursado suas quatro horas no fadario, eis que de uma taverna sahem quatro monsiores, que acabaram de tomar conta a certas cabeças de caxuchos, e á volta d'ellas poseram os marcos mais adiante do costumado, e sahiram tractando de uma duvida das mantas que jogaram; até que de palavra em palavra, arrancam todos com grande matinada; e o bom do aventureiro, vendo que está a môça á janella, deseja de lhe parecer bem e mostrar sua boa disposição; emfim, por honra da cavallaria, leva da espada; e, ás trez pancadas, tiram-lhe um alto-abaixo, e a ficar bem livrado ha, desta feita, um gilvaz de bom tamanho pelas queixadas: é desastre de vinte e quatro quilates, como ouro da mina, e não tem outro desconto senão aquelles dous nagalhos de gosto que ha um homem de fazer alardo de gentileza deante da sua dama.

Outro que se tem vendido á sua rapariga por um dos descendentes da casa d'Austria, mais tomado de pontos de honra que um escudeiro de Cacilhas, estando uma vez praticando com ella, e referindo certas ventagens que lhe el-rei D. João fizera a um seu tio, passa um fidalgo, cujo rascão elle era, e porque lhe

tardou onde o mandára, com grandes brados que atrôa toda a rua, peleja com elle atuando-o muitas vezes, e chamando-lhe filho da... e villão: é desastre de bico revolto, como nebrí d'altenaria, e desentabola um homem d'alto a baixo, estando já tão avançado que ao outro dia lhe entregavam as chaves da fortaleza.

Outro que tem gastado suas moedas com o mensageiro da dama, estando já para levantar o cêrco, soube de uma espia que lhe iam já querendo bem, até que por derradeiro veio a menina a tomar-lhe uma carta; e obrou tanto o ruibarbo que, d'ahi a poucos dias, lhe deram licença que com o primeiro norte que ventasse, possa galgar assima e verem-se de perto. E assim, chegado o dia da batalha, vai elle artilhado em a mãe sahindo pela porta fora, que era o reclamo a que elle havia de acudir, sobe pela escada; e, depois de desovar suas quatrocentas parvoices, em signal de favorecido, traz no dedo um anelinho de quinze reis que a moça lhe deu, e acertou de estar em um degráo da escada uma casca de melão atraiçoada; e, quando foi a descer, como vinha todo inlevado em seu contentamento, põe o pé sobre ella, e sem lhe valer rei nem roque dá comsigo pela escada abaixo. Á traquinada acodem os visinhos de cima e os parentes do pai da senhora, tomam-no com o furto na mão, e não teem

outro valhacouto, se não dizer que buscava alli um homem da India. Em remate da obra, quando vem a erguer-se, acha um pé desnocado, e vai para casa encostado a um negro que achou d'um seu amigo. É desastre de onze milhas de comprido; porque além das perdas e damnos que recebe em sua pessoa, rapa lhe a boa da trovoada todo o segredo do negocio e não torna a levantar sobrado d'ahi a cinco annos.

Assim, tanto que o selvagem se fechou por dentro, vem um bando de estorninhos, que iam fazer um torneio á fronteira por mandado do Xeque Ismael; e, por nos não deter em parouvelas, sacodem das azas uns poucos de tercêtos que depois acertados pelas juncturas, como a mulher dos ossos, fizeram um populoso edificio que tem por titulo:

A CAZA DA LEMBRANÇA

E diz assim:

N'aquella parte da alma onde se incerra,
Cançado de voar, o pensamento,
Que tão ligeiro corre o mar e a terra,

Nos campos da memoria em largo assento
Fundado sobre firme segurança
Contra quem nada pode o esquecimento,

Sobre as altas columnas da esperança,
Que de esmeraldas ricas foram feitas,
Se mostra a grande *Caza da Lembrança.*

Em roda, vão de vidros contrafeitas
As imagens dos gostos que passaram,
Manchadas algum tanto de suspeitas.

A guarda d'ellas para si tomaram,
De hienas africanas ajudados,
Os tormentos crueis que as inventaram.

Os cantos são estancias dos cuidados,
Que, por uzar do fogo que ellas trazem,
Andam sobre chimeras cavalgados.

Entre elles seu assento as maguas fazem,
De cardices [64] tristissimas ornadas;
E, se algum prazer vem, logo o desfazem.

As portas, que jámais estão cerradas,
Por mão da delicada fantasia
De estranhas invençoens foram lavradas.

A divisa que tem na frontaria
É sobre um ninho antigo uma cegonha,
E diz a lettra: *Anchor com'io solia.*

E, se alguem ha que n'outra parte ponha,
Que donde costumava, o pensamento,
Ali para notal-o está a vergonha.

64 Camapheus com pinturas de corações negros.

As paredes de todo este aposento,
Porque o tempo não possa desfazel-as,
De diamante as fez o soffrimento.

Pyramides lustrosas, torres bellas,
Que rica traça da firmeza fôram,
Levantando se vão ao longo d'ellas.

Por dentro os sobresaltos d'Amor moram;
E, com qualquer pequena novidade,
Bandeiras pelas frestas logo arvoram.

A quadra mais escura é a da Saudade,
Que no secreto d'ella recolhida,
Tracta comsigo só mais á vontade.

A codorniz, que em sêda traz tecida,
É sua divisa, e diz a lettra em preto,
Assim: *Do proprio mal sustento a vida.*

De fronte, n'outro posto mais secreto,
O Enleio, que em nada se assegura,
Sempre cuidando está, sempre inquieto.

Aos pés as armas; e, na bordadura,
Escripto sobre os nós d'uma anfisbena, [65]
Qual dellas haverei por mais segura.

Tudo o que fica mais povoa a pena;
Que, por ordem do tempo, despertada,
Modos de atormentar sómente ordena,

No mais alto de tudo levantada,
Sobre oito vigas de ouro se sustenta
Outra quadra mais rica e mais lavrada.

[65] Serpente que parece ter duas cabeças, uma em cada extremidade.

Nella a propria Lembrança se aposenta;
E vestida da fé que amor guarnece
Sobre uma leve osta o throno assenta.

Diante vassalagem reconhece
O bruto esquecimento e debruçado
As intranhas de um lince lhe offerece.

E, como do desejo lhe é mandado,
D'aqui n'um gripho seu ligeiramente
Se parte o pensamento co' recado.

De fronte no logar mais iminente,
Cercado de perpetua claridade,
Que logo quem a vê torna contente.

Por debaixo de um véo de magestade,
Se mostra aquella imagem tão formosa
De quem prêza me traz a liberdade.

Imagem para tudo poderosa,
Pois onde a dôr da auzencia mais se afina,
A pena, que é mortal, faz ser ditosa.

Por cima lança o tempo outra cortina;
E, se a ventura acerta de corrêl-a,
Tremendo perante ella, Amor se inclina.

Por insignia aos pés tem uma estrella,
Que as mais todas eclipsa, e escripto em cima:
Echi non creda venga egli a vedela.

Os corucheus e abobadas de cima
O segredo os lavrou de esmalte rico,
Que o amor teve sempre em grande estima.

Assim memorias minhas fortifico,
Que nem do tempo ainda me confio;
E, se claro não sou no que publíco,
Entendami chi puó, che m'intend'io. (Nota 10.ª)

XVIII

Satyra

Arre! Arre! para traz,
Asno de luso coitado!
Olha que a ser despenhado
Caminhas por onde vás.

Se de uma parte arrochadas
De arrieiros te encaminham;
Os que a soccorrer-te vinham
Querem fazel-o a pedradas.

Zurra sobre mal tamanho,
Asno; pois quiz teu peccado
Que para tão triste estado
Viesses a dono estranho!

Imagem para tudo poderosa,
Pois onde a dôr da auzencia mais
A pena, que é mortal, faz ser d'

Por cima lança o tempo
E, se a ventura acerta
Tremendo perante e'

Por insignia
Que as ma'
Echi non

.d,
.elhor,
.ado Prior...
. velhacaria.

Quando o Antão das botas largas
Por seu te tinha em poder,
Não sohias tu trazer
Sobre as costas tantas cargas.

66 Anexim do tempo. *Não sejaes burro de Vicente...—Jorge Ferr.* EUFROSINA.

Sempre á gineta vestido,
Forrado de prata e ouro,
Tejo, Guadiana e Douro
Te davam pasto escolhido.

Mas agora que te guia
Este Gil das calças brancas,
Poem-te quatorze nas ancas
E co'a espora manda a via.

Fez barata a compra injusta,
Por isso te desestima;
Porque tudo emfim se estima
Conforme ao preço que custa.

Sem logar a que respirem,
Gritam, e não se envergonham,
Todos que a carga te ponham,
Nenhuns que a carga te tirem.

Nesta confusão amarga,
Os arrieiros, que podem,
Todos a tanger-te accodem;
Mas nenhum á sobre-carga.

Ao retorteiro te trazem
Com albarda e sem cabresto;
Só mettem todos seu resto
Nas affrontas que te fazem.

Sempre em tuas mataduras,
Tuas tristes carnes rotas,
Alveitares idiotas
Exp'rimentam novas curas.

De tal sorte, asno, te vejo,
E hei tal lastima de ti,
Pelo estado em que te vi,
Que de ver-te tenho pejo.

Entregue a rapazes loucos,
Que te guiam por abrolhos,
Tantos a taparte os olhos,
E a destapar-t'os tão poucos!

Pelo dono a quem te deram
Verás tuas perdiçoens,
Filho de quatro naçoens,
Que nunca bem se avieram.

Já com teu senhor passado
Sobre ti em pleito andou;
Agora que te comprou
Hasde pagar o fiado.

Os que foram nesta venda
Já hoje o tempo lhe ensina,
Quem seu tempo determina,
Ante tempo se arrependa.

Mas, por divertir a dôr
Do mal que em ti considero,
Outros males chorar quero...
Zurra tu por teu senhor.

E vós, Tagides, que ouvis
O som de males tão tristes,
Chorai dos bons, que já vistes,
As lembranças que sentis.

Chorai do passado abril
As seccas flôres que vêdes,
E, nas desertas paredes,
Effeitos da sorte vil.

Chorai o passado bem,
Pelo mal que entre nós arde;
Mas ai! que chorais já tarde,
Ó filhas de Jerusalem!

E tu patrio Tejo ameno,
Revolve tuas claras aguas;
Que é justo que em tantas maguas
Não corras claro e sereno.

Bem vês que o chão que regaste
Fertilisado comtigo,
Affrontal-o como imigo
Mil vezes exp'rimentaste.

O pão no campo e fascais,
Fructo de suor alheio,
Comem, sem nenhum receio,
Corvos, gralhas e pardaes.

Brada-lhes Mingo, o do saio,
Cisfranco, o do saco, brada;
Não dão por seus brados nada,
Nem poupam pão para maio.

Mudos de gritar estão,
Desanimados espritos,
De ver que não valem gritos,
Se os ouvintes surdos são.

Já entre nós vivem só
D'Acab os falsos profetas;
Já não derrubam trombetas
Os muros de Jericó.

Que o som do metal covarde
Abateu todos os mais;
E são suas forças taes
Que n'elle o fogo não arde.

Os Pastores de teu prado
Andam, perdida a 'sperança,
Já de mudança em mudança,
Já de cuidado em cuidado.

Neste estado e perdição
Podes crer que podem já
Mais que a lança de Joab
Os cabellos d'Absalão.

No grão Pinheiro, nas falhas,
Já se assentam desiguaes
Por baixo as aves reaes,
No cimo cucos e gralhas.

Os rafeiros, que o rebanho
Guardavam de nossos gados,
Andam todos trasmontados,
Mettidos no matto estranho

Porque aos que mil vezes d'elle
A preza e loubo trouxeram
De carne nada lhe deram,
Deixaram-lhe os ossos sem pelle.

Mas ai dos lobos guerreiros!
Fica sendo o mal singelo;
Por que cobras de capêllo
Bebem sangue de cordeiros

Já não ha cachôrros velhos,
Os d'aquella antiga raça;
Já quando imos á caça
Os caens fogem dos coelhos.

Os galgos, que então corriam
As lebres na terra estranha,
Oh! que vergonha tamanha!
Já das lebres se desviam.

Afeminados, imbelles,
Andam como desmaiados,
E de sorte os veem torvados,
Que as lebres correm traz elles.

Buscava então grão Pastor
O pastor para seu gado;
Agora busca o criado
Pelo gado a seu senhor.

A branca lan que uma vez
Tosquiada tinha ronha,
Agora, como peçonha,
Cada mez lhe tiram dez.

O que a virtude então
Por mezinha exercitava,
Hoje da cobiça escrava
Fica cabo da ambição.

Misericordia e cobiça
Assentaram tal concordia;
Que a falsa misericordia
Tem desterrada a justiça.

Quem tudo no mundo damna
Tem posto em trono cruel
Contra a voz de Daniel
Os juizes de Suzana.

Já se tangem nesta feira,
(Cousa que mais desanima)
Muitas guitarras sem prima,
Mas nenhuma sem terceira.

Porque publíca o esprito
Verdade, que o tempo sonha;
Quem d'ouvil-as se envergonha
O desterram para o Egypto.

Chumbados exteriores
Firmam só capacidades;
Publicas severidades
Tem por virtudes maiores.

Todo remedio é incerto
Em tão differentes pragas;
Pois dão por medico ás chagas
Naamão de chagas coberto

Mas já que o tempo passou,
Figura deste presente,
No qual o vasto oriente
A voz do santo escutou,

Mudo o sentimento só,
Primor e coração triste,
Pois vejo que Esaú insiste
Em perseguir a Jacob. *(Nota 11.ª)*

XIX

Satyra

Tacanhos, vis, apoucados,
Covardes, inchados brutos,
No bem sempre irresolutos,
E no mal precipitados.
Não haveis de achar soldados
Com que vos mostreis crueis.
Chamai, chamai bachareis
Gente de vossa facção,
Que, c'os Bartholos na mão,
Vos defendam de infieis.

Se com animo coitado
Ambiciosos negastes
O premio, que lhes roubastes,
Com proprio sangue comprado,
Já agora o tempo é chegado
Por peccados de justiça,
Em que vossa van cubiça
Não terá de que se ceve;
Por que lá verá quem leve
Mel, abelhas e cortiça.

Desta minha profecia
O tempo é vindo já,
Em que a côrte igualará
Vós, mercê e senhoria:
Castigo de tyrannia
De uma gamacha proterva,
Que, assolando, se conserva,
Por que ninguem attentou,
Que o que Bellona ganhou
Veio consummir Minerva.

XX

Elegia da minha penitencia [67]

Aqui, neste deserto secco e pobre,
Só de medonhos monstros habitado,
Que a morte triste em sua sombra cobre,

Nesta imagem de bruto transformado,
Por mão da consciencia vingadora
Sou, todos os momentos, castigado.

[67] Traz escripto á margem: *Penitencia do Soropita.*

E, se levanto as azas, alguma hora,
Ao céo, que nunca cessa de chamar-me,
Por ver se minha sorte se melhora,

Ainda bem não tento levantar-me,
Quando outra vez me abaixa o grave pezo
De que eu tão sem razão quiz carregar-me.

E, se quero fugir, logo, em despreso
Da minha mal perdida liberdade,
Pelos cabellos fico outra vez prezo.

Lembra-me a minha prodigalidade
Com que desbaratei tanta riqueza
Nos jardins encantados da vaidade!

E, quando agora a força da pobreza
Entre brutos me off'rece mantimento,
Sei que metto em affronta a natureza.

Lembra-me aquelle ousado pensamento
Que, como Joroboão, se alevantou
Contra o throno real do intendimento;

E tanto que por rei se coroou,
Como idolos em alto levantados,
Os seus proprios conceitos adorou.

Lembra-me aquelles barbaros cuidados
Que com profanos fogos abrasaram
Os edificios para o céo lavrados.

E, depois que ao sanctuario a luz tiraram,
Como Naburzadão com sua gente
Os propositos santos profanaram.

Lembra-me o juizo vão que ousadamente
Os segredos do céo saber queria
Tambem como Saul desobediente.

Até que, em tantos dias, veio um dia,
Que lhe poz a cabeça pendurada
Onde sua soberba merecia

Lembra-me a feição mal empregada
Que entre apetites máos ficou por terra
Qual outra Jesabel despedaçada.

Mas é tal o veneno que se encerra
Nestes pedaços que ficaram d'ella,
Que assim despedaçada me faz guerra.

Lembra-me sobre tudo a nobre estrella
Que co' divino lume resplandece
Nesta alma que algum tempo foi tão bella.

E, se por mercê sua o céo quizesse
Que este lume, de lá favorecido,
N'outro lume de amor se convertesse,

Quão prestes fôra n'elle consummido
Este profano altar, onde amor cego
Com tantos sacrificios foi servido!

E, postos meus desejos em socêgo,
O rebelde estandarte recolhêra,
Que eu tantas vezes contra o céo desprego!

Bem sei que, ao contrario, mereceram
Minhas desordens que com tal soltura
No caminho da morte se perderam;

Mas vós, Senhor do céo, que a formosura
Do vosso rico amor communicastes
Tão largamente a toda a creatura,

Obrai agora em mim o que obrastes
Quando, entre gente tão desconhecida,
Tantos raios d'amor manifestastes.

Que eu sou aquelle Lasaro sem vida,
Que a graça, que por graça esta alma tinha,
Com tanto damno meu tenho perdida.

E, posto que faltei quando convinha,
Vossa misericordia é tão immensa
Que não póde encurtal-a a falta minha.

Sou aquelle leproso, onde a detença
De tantas culpas tão contagiosas
Só, como exemplo seu, faz tanta offensa;

Culpas de cada vez mais perigosas;
Pois o mesmo uso máo, que m'as sustenta
Só, pelas não deixar, m'as faz formosas.

Sou o mudo, o cego... O céo se representa
Rico de preço para libertar-me
Deste cruel senhor que me atormenta.

Mas o 'spirito, que houvera de ajudar-me,
De sorte neste carcere immudece
Que não sabe pedir-lh'o, e resgatar-me.

Sou aquelle doente, que perece,
Paralitico, já desconfiado,
De quem o mundo seu tambem se esquece.

E, se por vós não fôr remediado,
Esta fé, que assim sêcca está, comigo
Irá tambem por preza do peccado.

Sou o cego que, apoz o mal que sigo,
Os mal guiados passos tão mal rejo
Que de um perigo vou n'outro perigo;

E por-me tantas nevoas o desejo
Na luz, com que a alma innobrecestes,
Que a mim mesmo me busco e não me vejo.

Vós que os remedios todos nos posestes
Nesta cruz onde a gloria se conquista,
Dar-me della podeis, como já destes,
Vida, limpeza, falla, força e vista!

FIM.

NOTAS

NOTAS

NOTA 1.ª

A quem ajudar gosto e genio investigadores será aprasivel lavor colligir nos mavisosos poemas do cantor do Liz argumentos comprovativos dos altos affectos que o bispo do Pará, nascido em 1711, recolheu da tradição de velhos muito visinhos dos ultimos annos de Francisco Rodrigues Lobo. Confissões d'amor atrevido e perigoso póde o esquadrinhador encontral-as á proporção d'estas :

Atrevido pensamento,
Não me ponhais em perigo,
Que, para ser venturoso,
Não basta ser atrevido.
Se sobis por levantar-me
Vêde quanto atraz vos fico
. . . . . .

Encolhei um pouco as azas
E estai a conta comigo

. . . . . .

Fiai-vos do desengano,
Vereis se é melhor partido,
De um covarde acautelado,
Que de ousado arrependido
Vêde no triste successo
Do que deu o nome ao rio
Quão pouco contra ventura
Podem valer artificios.

(*Flor.* 5.ª)

Seguia um contentamento
Impossivel á rasão

. . . . . .

Vi Cimea, e logo n'ella
Tantas rasoens de querella
Que ainda em presença do damno,
C'os pés sobre o desengano
Dera mil vidas por ella.

(*Eclog.* 8.ª)

NOTA 2.ª

Este verso castelhano é o primeiro dos cinco que Luiz de Camões interpoz na segunda carta :

La mar en medio y tierras he dejado
A cuanto bien cuitado yo tenia:
Cuan vano imaginar, cuan claro engaño
Es da·mo yo á entender, que con partirme
De mi se hade partir un mal tamaño!

Se Rodrigues Lobo não trasladou o verso da carta inédita, mas sim d'ella impressa em 1598 pela primeira vez, collige-se que a noticia da jornada de 1589 foi escripta, pelo menos, dez annos depois: o que nos parece improvavel. Soropita, escrevendo ao seu amigo, citava um verso conhecido nas muitas cópias das cartas, sem proposito, improprio de tal espirito, de se inculcar auctor.

Cuidamos algum tempo que os cinco versos castelhanos não seriam de Camões. Diligenciamos esclarecer esta duvida com informadores de superior voto. O snr. Antonio Feliciano de Castilho, a nosso pedido, investigou por si e com os esforços do snr. Innocencio Francisco da Silva. Vimos carta do eminente bibliophilo ao grande poeta, dando como inutil a averignação em Mena, Boscan e Garcilasso. Nesta carta diz o prestante escriptor: «Sem«pre tive para mim que os versos castelhanos de que falla F. e «a que se refere a carta de V. Exc.ª eram do proprio Luiz de Ca«mões, que — V. Exc.ª o sabe melhor do que eu — compunha «com egual facilidade nas duas linguas....» Tambem agora pensamos dos versos egualmente com o snr. I. F. da Silva.

NOTA 3.ª

Boa de justificar é a fuga de Soropita, em vista do terror que agitava Lisboa, á hora em que elle se fez á vela para a Moita.

Um *ms.* coevo, de que, ha mezes, o *Jornal do Commercio de Lisboa* trasladou a passagem relativa á vinda dos inglezes com o prior do Crato, relata miudezas que explicam a rapida e jocosa descripção de Fernão Rodrigues, nestas palavras: *não se mettia entre nós e elles mais que a largura dos muros, e esses tão enfermos e debilitados que a poder de apitos os tinhamos em pé.*

Soropita, se se demorasse, poderia ver enforcar D. Ruy Dias, irmão do barão de Alvito, e açoutar outros suspeitos de parciaes de D. Antonio. A desordem da cidade, a fraqueza da guarnição e a estupida barbaridade dos governadores que se entretinham enforcando em estatua a mulher do *antonista* Estevão Ferreira da Gama, está bem descripta pela testemunha presencial que assim a deixou:.... «O exercito dos inglezes chegou ao mesmo dia de Corpo de Deus a esta cidade e se alojou fóra das portas de Santa Catharina e em toda a Boa Vista e S. Roque; e á sexta e sabbado houve escaramuças, e lhe sahiram os castelhanos de cavallo pela porta da Annunciada, e vieram obra de 60, feridos muito mal, que levaram ao hospital, e os mais delles morreram e ao sabbado se pozeram desesete bandeiras, no Moinho de vento, dos inglezes; e d'ali estavam fazendo mil galantarias com as

bandeiras, e o castello não fazia senão atirar, e assim como o pelouro dava lá entre elles, assim o festejavam. N'esta noite se cuidou que accommettessem a cidade e entrassem, e sem duvida, se accommetteram, houveram de entrar sem resistencia alguma, porque todos os principaes eram fugidos da cidade, e os que ficaram todos tinham seus *furadouros* (?) prestes com cavallos e barcas para se recolherem; mas quiz Deus que a não accommetteram e antes esta noite se retiraram para o baixo de Santa Catharina, e ali estiveram até segunda feira, 4 de junho, em que antemanhan começaram a marchar muito á pressa para Cascaes... Affirmavam que iam buscar a artilharia para bater a cidade. Então houve muito maior medo em todos acabando-se de despejar a cidade, fugindo todos aquelles que dantes não tiveram tempo...»

A quasi milagrosa partida dos inglezes, a nosso ver, deve-se ás oraçoens d'alguns sanctos prelados portuguezes que as resariam fervorosas pelo bom exito das armas de Castella. Sómente assim podemos ir na esteira de duzentas vellas com vinte mil homens que fugiram dos muros da derrocada Lisboa.

NOTA 4.ª

Desta noticia de jornada, colligimos a naturalidade de Soropita. Além de dizerem as trovas que o poeta ia caminho de sua terra:

...eu vou para onde nasci,

claramente a carta o expressa. Mas não ha ahi alguma indicação de Leiria. E' verdade. Temos unicamente as probabilidades seguintes :

Diz Soropita que em Santarem alugara cavalgadura para Thomar, posto que fosse o caminho desviado.

A estrada de Santarem a Leiria direitamente sería, como se vê no *Roteiro* de Baptista de Castro, a Tremes, a Abrahão, a Porto de Moz, a Leiria, perfazendo o total da jornada onze leguas.

Desviando-se do caminho por Thomar teve de andar quinze. Da primeira jornada ganhou as oito que medeiam a Thomar, e da segunda as sete que d'aqui vão a Leiria. *Ao outro dia chegui a esta minha patria,* escreve Lobo Soropita. Ajunctemos como plausivel a probabilidade de ser elle dos appellidos de *Rodrigues Lobo,* familia que todos os biographos localisam em Leiria, e não a encontramos mencionada em outra terra do reino.

Ha mais de seculo que em Leiria não ha memoria de Rodrigues Lobos. O padre Carvalho já os não incluiu na lista dos appellidos illustres, se elles o foram, como quer o abbade Barboza Machado. Não será de esperar que se dilucidem agora escuridades impenetraveis ás investigações do nosso amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, compatriota do poeta da *Primavera.* O descuido e esquecimento de averiguações sobre a existencia de tão magistral escriptor seriam vergonhosos, se isto não fosse em Portugal.

NOTA 5.ª

Reminiscencias dos peregrinos versos de Camões:

. . . . . .

E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
(Cant. III, est. 135).

NOTA 6.ª

Esta interjeição *afuera, afuera,* foi duas, ou mais vezes sería, usada por Camões.

Em uma das cartas:

Á fuera, á fuera, Rodrigo que eu se fôr muito
ora por este caminho, darei em enfadonho...

Afuera, áfuera, Rodrigo... é o primeiro verso de um dos popularissimos romances chamados do Cid. E' D. Urraca, irman do rei Affonso de Tolêdo, que, de sobre os muros de Samora, invectiva a ingratidão de Ruy ou Rodrigo Dias de Bivar, exclamando:

Afuera, afuera, Rodrigo,
El soberbio castellano,
Acordar-se-te debeïra
De aquel buen tiempo pasado...

Está o romance incluido nos da *Silva de varios romances*, 1550, no *Romancero* de Sepulveda, 1551 n'outros *Romanceros*, e no complexo de todos, o de Duran.

N'um dos *motes*, que o snr. visconde de Juromenha lhe attribue, topamos :

Afuera, consejos vanos...

Aqui o termo hespanhol condiz ao restante da poesia. Não é, porém, judicioso que aceitemos como de Camões a *inedita*. O snr. visconde deu o auctor dos *Lusiadas* como fazedor d'uma moxinifada sem medida nem piedade, chamada TRIUMPHO D'AMOR. O 1.º canto desta coisa indefinivel tem 160 versos (linhas) *setenta* dos quaes não tem medição de ordem nenhuma. Os restantes são parvoices rythimicas. Que ultrage a Camões, se elle podésse ser ultrajado!

NOTA 7.ª

Os oculos, chamados de Jacques, ou de *longa vista* ou *de alcance* foram inventados por Jacques Metzu, e seus filhos, oculis-

tas em Hollanda, em 1609. E' evidente que Soropita escrevia depois d'aquelle anno.

NOTA 8.ª

E' bem analogo este phrasear ao de uma carta de Luiz de Camões que diz: «*Esta vai com a candeia na mão morrer nas «de vocemecê.* E se todavia quizer metter mais mão na escudella, «mande-lhe lavar o nome, e *valha sem cunhos.*» A primasia das phrases é de Camões. Em 1598 corriam impressas as cartas. Dado que Soropita escrevesse a sua anteriormente áquelle anno, de crer é que tivesse de memoria a manuscripta do poeta. Como quer que seja, o dizer tão parecido ou pouco menos de semelhante é de Camões, quer Fernão Rodrigues o imitasse do *ms*, quer do livro; pendo, porém, a crer que o ultimo, se a carta já corresse impressa, não enviaria á sua dama um tão formal plagiato de livro recente e relido, como sería o de Camões. Póde, pois, crer-se que esta carta precede o anno de 1598.

NOTA 9.ª

Estes tercetos formam a *Elegia* XXVI que apparece entre as poesias inéditas atribuidas a Luiz de Camões por o snr. visconde de Juromenha. Está a pag. 249 do 3.º vol. da edição que

o versado escriptor está publicando com mais primor de typographia que de critica.

Não nos diz bem pelo claro o illustre editor, e biographo renovado de D. Catharina de Athaide, onde encontrou esta inédita. Diz que a copiou d'um manuscripto; (Veja a *nota* correspondente a pag. 514 do citado vol.) e acrescenta que a poesia tinha o seguinte titulo: *A uma senhora que estava em Sacavem em uma quinta sua.* O genuino auctor não desmente a direcção da poesia: pelo que elle não dá é por *Saudade*, titulo que o snr. visconde lhe viu no manuscripto. Afigura-se ao editor e commentador que a elegia provavelmente foi escripta na India, apoz uma longa auzencia. O poeta authentico estava no Tejo, e não estava tão afflicto que se não mettesse a riso e divertisse em ingenhar secretos artificios, que não chegaram senão agora ao conhecimento do snr. visconde de Juromenha.

A elegia, qual está na edição do respeitavel litterato, desdouraria Luiz de Camões e irritaria o amor proprio de Soropita. Nenhum delles errava versos e aleijava a grammatica.

Indicaremos as dições contra as quaes protesta Fernão Rodrigues Lobo Soropita, *não hospede em poesia*, como disse o snr. visconde.

O 2.º verso do 2.º terceto não é:

Que nada me dá agora mais *tristeza;*

é:

Que nada me dá agora mor *tristeza.*

A mudança pouco monta; mas na exactidão nenhuns apuros são superfluos.

O mesmo reparo no 1.º verso do 3.º terc.

E quando tive a gloria em mais *largueza.*

Soropita escreveu *mor* e não *mais.*

No 3.º verso do 3.º terc:

Que onde o poder é mor, é mor *a preza,*

disse o auctor:

Que onde o poder é mor, mor é *a preza.*

Até aqui, differenças que não lesam a graça nem o intendimento do verso.

O 4.º terc., na copia do snr. visconde, diz:

E já se consentira a minha estrella
Que tivera esperança de cobral-a (a gloria)
Como tive receio de perdel-a.

Não se intende. O ponto final, que Soropita não poz, cortou a respiração á ideia. O ponto sequente a *perdel-a* é uma virgula. Completa-se o pensamento com o terceto immediato:

Somente aquelle allivio de espera-a (a gloria)
Na força do que quero sustentado
Me alcançára vigor para alcançal-a.

O snr. visconde copiou os dois ultimos versos deste feitio:

Na força do que quero sustentada
Me alcançará *vigor para alcançal-a,*

Sustentada, quem? A gloria? Além de que o *sustentada* não podia rimar com *tratado* e *cuidado* do terceto seguinte. O *alcançará,* no futuro, ficava ás canhas com o *tivera* do terceto anterior.

Outro tercêto inintelligivel na exposição do snr. visconde: é o 7.º:

E quando aquella fé que eu nunca mudo
No mor perigo seu melhor guardada,
A quem tudo entregou merece tudo.

O tropeço é o ponto final. Ahi nos fica engasgadinha a grammatica, e comida uma particula causativa e inicial no terceiro verso.

Soropita, porque o intendessem, escreveu:

E, quando aquella fé que eu nunca mudo,
No maior *perigo seu melhor guardada,*
Que *aquem tudo entregou merece tudo,*
....

E segue a fechar a idoia :

Então dos bellos olhos desprezada
Com tão pouca rasão seja *esquecida*
Com quanta deve ser sempre lembrada.

O snr. visconde no penultimo verso achou :

Com tão pouca rasão será *esquecida.*

O *será* quebrou a melodia do verso e desdisse do theor do pensamento.

Vejamos o terc. 13.º segundo o *ms.* do snr. visconde :

Então em vãos suspiros, vãos espalha,
E qualquer bem que póde descançal-a
Sempre amor lh'o atalhou, sempre lh'o atalha.

Vãos espalha! «Espalhar vãos» que é?

Soropita não podia sahir-se com tamanha descortezia ao bom siso da gente. O que elle escreveu foi :

Então, em vão, suspiros vãos espalha,

Isto sabe-se o que é.

O verso seguinte a este vem mais afinado, mais poesia, no autographo de Soropita :

E qualquer bem que possa *descançal-a...*

No terceto immediato, o verso 3.º é assim na edição do snr. visconde:

Com o grão tormento dos que calla

Está errado: não serve para Camões, nem para Soropita.

O poeta escreveu:

Com os graves tormentos *dos que* cala.

E escreveu *cala* e não *calla;* porque o verbo *calar* é estar silencioso; e o substantivo *calla* é synonimo de *calheta* ou *faluazinha.*

Vamos ao terceto seguinte, verso 2.º (chamemos-lhe verso por hypothese.) Diz a *inédita de Camões:*

Até que para crecerem juntamente.

Errado.

Soropita escreveu:

Até que por *crescerem juntamente*

No terceto visinho diz o poeta á dama que a alma, lembrada de que os seus soffrimentos lhe vem d'ella (da dama,)

.....nunca é tão triste
Que logo isso a não faça ser contente.

Mas o snr. visconde trasladou:

Que logo isso o *não faça ser contente.*

Este «o» não se sabe que ou quem seja.

Terceto 19. Continúa o poeta a fallar em nome de sua alma e diz na ediç. do snr. visconde:

Mas depois que é forçado *que se arrede*
...

Forçada é o que devia ser. Agora me espanta como o douto editor não sincou no verso seguinte, quando escreveu:

Outra vez de seus males combatida...

Quem é aqui *combatida?* Em cima era *elle*, embaixo é *ella.*

Na quadra, finalmente, com que fêcha a elegia, verso 1.º, diz Soropita:

Assim passa *uma ausencia tão comprida*

Assim passo... vem na edição da inédita.

O auctor allude sempre á alma, e deu ao verbo o tempo que lhe competia.

O snr. visconde não deu tento dos versos errados e tortuosidades de sintaxe que deformavam a poesia de Camões? Tenho para mim que não, aliás teria corrigido os claros e sensiveis erros do copista. Póde ser, dirão, que não emendasse, contido por escrupulos e veneração ao seu e nosso tão querido Camões. Isso não é argumento; por que o snr. visconde está longe de louvar a fidelidade escrupulosa com que Soropita publicára erradas algumas poesias do grande poeta. Diz s. exc.ª, pag. x do 2.º vol.: «...Com esta fidelidade, pois, conservando-se os erros das cópias, se imprimiu esta primeira edição, levando-se o escrupulo ao ponto de conservar errado o titulo de uma poesia, dizendo-se dirigida a el-rei D. João II, quando pelo conteúdo da mesma se sabe ser dirigida á D. João III.»

E' concludentissimo então que o douto visconde, se podésse, não imitaria o desacerto de Soropita: prezamo-nos de fazer esta venia e justiça á lealdade do editor e admirador do Homero portuguez. E, fundamentados nesta certeza, é que dissemos na *prefação* deste livro que o snr. visconde, dado que seja litterato de bons estudos, por nenhuma maneira póde ser juiz indeclinavel em pleitos de poesia, sendo que s. exc.ª não tem ouvido e discernimento bastante afinados para intender em versos.

Voltando á *Tercetagem* de Fernão Rodrigues Lobo, o leitor já decifrou o artificio secreto que nos elle inculca. Sendo, porém, possivel que algum menos paciente ou mal-avindo com enigmas

se não queira cançar, pedimos-lhe que abra o livro na pagina da poesia.

Diz-nos o auctor que *vão revesados os tercetos: um que na derradeira regra tem a mesma palavra duas vezes, e outro apoz elle tem a derradeira palavra contrária tambem á da ultima regra.*

A derradeira regra do 1.° terceto diz:

Que quanto *mais* os vê *mais* se atormenta.

Ahi temos repetida a palavra *mais.*

Egual repetição devemos encontrar na ultima regra do 3.°, 5.°, 7.°, 9.°, tercetos e nos seguintes alternadamente.

Vejamos agora a segunda parte do engenho. Deve estar no 2.°, 4.°, 6.°, 8.°, tercetos e seguintes assim revesados.

A ultima palavra da 2.ª regra do 2.° terceto é *tristeza,* e a da regra seguinte: *contentamento.* A do 2.° verso do 4.° terceto é *cobral-a,* e a do verso seguinte: *perdêl-a.* As antitheses seguem com a regularidade até ao remate, que tem *vida* e *morte.*

Agradeçam, se tem coração, a Soropita o trabalho e roer d'unhas que devia custar-lhe o mal empregado esforço; mas não lastimem o poeta apaixonado; que elle, como lá diz, e a fallar verdade, escusava de o dizer, *já tinha rapado as ordens a cuidados amorosos.*

Resta-nos pedir aos futuros editores de Camões que restituam a Soropita a elegia superflua á gloria de tão opulento principe. Deixem-na ao pobre, que, dobados dois seculos e meio, lhes vem dizer: «Prezei Camões, intendi-o, e fui digno de presal-o como discipulo.»

NOTA 10.ª

O verso de Petrarcha:

Entendami chi puó, che m'entend'io,

andava muito na complacencia dos seiscentistas. Pedro de Andrade Caminha não se contentou com menos de o glosar doze vezes.

Tambem eram apraziveis aos poetas as allegorias imitantes desta *Caza da Lembrança* de Soropita. Custa-me a crer que D. Francisco de Portugal, vinte annos talvez mais novo que Soropita, não modulasse a sua *Casa da Saudade* pela *Casa da Lembrança*. As achegas, os andaimes, a architectura é a mesma. Lembro-me de ter visto outras casas desta construcção, unicas, a meu vêr, que poetas podiam edificar. Os de hoje em dia, se as fizessem assim, corriam perigo de serem agremiados e pagarem decima predial. Bem hajam muitos delles que não fazem senão folhagem cerrada e amarellida como malvas de entulho.

NOTA 11.ª

Esta satyra abona o patriotismo de Soropita, e explica o não lhe encontrarmos o nome na lista dos desembargadores do paço dos Filippes: virtude, rara n'aquelles dias, a lustrar-lhe os meritos do talento. Poeta duas vezes portuguez! Não tem que intender com elle o vilipendio de seu parente Francisco Rodrigues Lobo que poetou, em 1623, as pompas e triumphos com que a cidade de Lisboa recebeu Philippe III.

Soropita, quando escrevia esta satyra, tinha em vista as *Coplas* chamadas *de Mingo Revulgo,* attribuidas por Nicoláo Antonio ao poeta quinhentista Juan de Mena ou qualquer outro engenho de egual tomo que soubesse esfregar com mordente sal as devassidões do seu tempo, *œvi sui mores satyrico sale perfricuisse.*

Em o tempo de Soropita vogavam as *Coplas de Mingo Revulgo,* glosadas pelo celebrado Hernando de Pulgar em 1581. *Mingo* é o povo representado n'um pastor; *Revulgo* soa como *republico.* O povo queixa-se da perdição e vida libertina do rei, que seria D. João II de Castella na sua mocidade. *Gil Arivato,* ou propheta, em dialogo pastoril com Mingo, vaticina calamidades a Hespanha, e diz que o povo por seus peccados geme espesinhado por tal rei. Uma dama portugueza, pelo que a trova diz, con-

corria não pouco para os soltos costumes do monarcha. A historia não sabia isto, ou eu não sei que a historia o contasse.

Resa assim a copla VI:

Uno le quiebra el capado,
otro le toma el çurron,
otro le quita el çamarron,
y el tras ellos desbavado,
y aun el torpe majadero
que se precia de certero,
hasta aquella zagaleja
la de nava Lusiteja
lá traydo al retortero.

Hernando de Pulgar explica: *El* capado *dize aqui por el* ceptro real. *El* çurron *por el* thesouro. *El* çamarron, *que és vestidura se puso por la* preeminencia y auctoridade real. *Y ciertamente todo esto está perdido y dissipado quãdo el rey dexada la compañia que deve tener, se buelve con moços y en mocedades. Aquella* zagaleja, *esto dize por alguma muger si le trapa a su querer y governacion. Y dize que era de* nava Lusiteja. *Cresse que la tal muger era de Portugal.*

Agora os sabios que pesquizem e nos digam a qual corôa ducal destes reinos pertence aquella joia perdida.

Revertendo ao ponto, Soropita respigou alguns pensamentos de João de Mena, sem o proposito de os inculcar como seus. Aquelle verso que diz:

Brada-lhes Mingo, o do saio...

allude ao Mingo Revulgo que vestia saio azul, *sayo de blau.*

Diz outro verso:

Este Gil das calças brancas

simelha o propheta das coplas.

Ao retorteiro te trazem,

escreve Soropita, convertendo

Lá traydo al retorterò.

Não nos lembramos de ter visto em mais algum escriptor portuguez a palavra *retorteiro.*

No entanto, a Satyra de Fernão Rodrigues tem originalidades de graça, energia e gentileza encantadoras. Quanto a verdadeira, em certos pontos, não é mais do que usam sel-o as paixões politicas e de mais a mais patrioticas. Diz elle ao povo:

Tambem levar-te queria,
E assaz te fôra melhor,
O nosso honrado Prior.

Se allude ao do Crato, como presumimos, ha muitos adjectivos compungentes que ajustar-lhe, salvante o de *honrado.* Não

tem por si D. Antonio de Portugal a proteger-lhe a memoria senão o condoimento que nos causam as victimas da inexoravel infelicidade.

Referencia á Nota 2.ª

Dois dos cinco versos que suspeitáramos trasladados por Camões pertencem a Garcilasso. São parte do *Soneto V* da edição de Anvers, 1554, conjuncta á das *Obras de Boscan.* E' este o bello soneto:

La mar en medio y tierras he dexado
de quanto bien cuytado yo tenic,
yendo-me alexando cada dia
gẽtes, costũbres, lenguas he passado

Ya de bolver estoy desconfiado,
pienso remedios en mi fantasia,
y el que mas cierto espero es aq̃l dia
que acabara la vida y el cuydado.

De qualquier mal pudiera socorrerme
com veros yo, señora, o esperallo,
si esperallo pudiera sin perdello;

Mas de no veros ya para valerme,
sino es morir, ningun remedio hallo,
y si este lo es tão poco podré avello.

POST-SCRIPTUM

O nosso infatigavel amigo José Silvestre Ribeiro, não esquecido da instancia com que ha dois annos lhe pedimos noticias de Soropita, pouco ha nos enviou o extracto de uma informação que algum estudioso antiquario lhe remetteu de Coimbra. E' extrahida do Livro das Matriculas, e diz o seguinte: «Fernão Rodrigues Lobo, filho do licenciado Manoel Alves, natural de Lisboa, acha-se matriculado em Leis, pela primeira vez no anno lectivo de 1578 a 1579 e seguidamente até 1593 e 1594. Não tem em nenhum dos termos o apelpelido de Soropita; mas não se encontra tambem nenhum outro nome de *Fernão Rodrigues Lobo* durante o periodo decorrido de 1500 a 1578.»

M. D. Ribeiro 45,

Este notavel esclarecimento não prejudica radicalmente as nossas conjecturas relativas á naturalidade de Fernão Rodrigues, supposta em Leiria, com razões fundadas no texto. No assento das matriculas, segundo entendemos, dá-se Manoel Alves natural de Lisboa; mas, se houver de ligar-se ao filho a procedencia de Lisboa, nem assim se póde estabelecer opinião que desfaça a tal qual ordem com que deduzimos as nossas supposições. Camões expirou, quando Soropita frequentava o segundo anno juridico. Bom é de presumir que o engenhoso môço conhecesse o grande poeta, e houvesse de sua mão algumas das poesias que depois estampou em 1595. Podemos calcular que Fernão Rodrigues excedesse quarenta annos de sua idade, quando escreveu o consciencioso e illustrado prefacio com que recommendou as *Rimas*.

FIM.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

POESIA POPULAR PORTUGUEZA

CONFECÇÃO E ESTUDOS

Por THEOPHILO BRAGA

Historia da Poesia popular portugueza . . . . . 1 vol.
Cancioneiro popular, collegido da tradição oral . . . 1 vol.
Romanceiro geral, contendo a flor dos romances anonymos do cyclo bretão e carlingiano, com um vergel de romances mouriscos, contos de captivos, lendas piedosas e xacaras . . . . . 1 vol.

Theophilo Braga, durante as suas digressões por varias provincias de Portugal, e pelas relações estreitas de amizade com alguns contemporaneos da Universidade, chegou a colligir muitos romances e cantigas do nosso povo. Depois de achar o systema de classificação, emprehendeu um estudo, que fórma o volume da HISTORIA DA POESIA POPULAR PORTUGUEZA.

Compõe-se este livro de duas partes. Na primeira investiga os vestigios da primitiva poesia popular portugueza, procurando-a desde a formação anonyma das linguas-romanas, através das influencias do cultismo provençal, do Concilio de Trento e dos latinistas ecclesiasticos, até encontral-a a colorir todos os sentimen-

tos maravilhosos da mythologia do nosso povo na edade média. Ali discute as origens das diversas denominações de Romance, Ballada, Xacara, Solao, Descort, etc., mostrando, como muitas vezes das chronicas em prosa, sahia o romance já metrificado pela grande facilidade do verso octosyllabico. Na segunda parte da HISTORIA, apresenta os factos d'onde se conclue para a unidade dos romances populares no Meio Dia da Europa, determinando até que ponto as tradições do cyclo de Carlos Magno e da Tavola Redonda, se implantaram no nosso povo. Do descuido dos chronistas tira muitas vezes os factos, como da Chronica de D. João I, por Fernão Lopes, e da Vida do Condestavel. Este livro não tem precedente em nenhuma litteratura; póde considerar-se como uma verdadeira reconstrucção.

No CANCIONEIRO POPULAR, formado de mais de quatro mil cantigas, teve por modello o excellente Cancioneiro hespanhol modernamente publicado por D. Emilio Lafuente y Alcantara. Compõe-se de cantigas desde o seculo XII a XVI, com varias secções de cantos da rua, fados, nataes, profecias, aphorismos, etc.

O ROMANCEIRO GERAL, consta de sessenta romances, collegidos pelas provincias, principalmente na Beira-Baixa, riquissima d'estas tradições, e em Traz-os-Montes. Em notas extensas, no fim do volume, explica a origem dos differentes romances, procurando se têm alguma realidade historica, como vieram para a tradição portugueza, que romances similhantes existem nas litteraturas do Meio Dia, etc. O auctor encontrou-se casualmente no systhema de classificação com o que e sabio Jacob Grimm empregou na sua *Silva de romances viejos*. Mas a verdade primeiro que a originalidade.

Preço . . . . 1$500

COLLECÇÃO

DAS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Abençoadas lagrimas, drama em tres actos. 240
Agostinho de Ceuta, quatro actos. 240
Agulha em palheiro. 500
Amor de perdição. 500
Amor de salvação. 500
Anathema 500
Annos de prosa. 500
Aventuras de Basilio Fernandes Enxertado. 500
Bem (o) e o mal. 500
Bruxa (a) de Monte-Cordova 500
Carlota Angela. 400
Cavar em ruinas 500
Cousas leves e pesadas. 500
Cousas espantosas. 500
Coração, cabeça e estomago. 500
Divindade de Jesus — Estudos religiosos. 600
Doida (a) do Candal. 500
Doze Casamentos felizes. 500
Duas épocas da vida, poesias 600
Duas horas de leitura. 400
Engeitada (a) 500
Esboços de apreciações litterarias. 500

Espinhos e flores, drama em tres actos. 300
Esqueleto (o) 500
Estrellas funestas. 500
Estrellas propicias. 400
Fanny, traducção. 400
Filha (a) do Arcediago. 500
Filha (a) do dr. Negro. 500
Genio (o) do Christianismo, traducção, 2 vol. 1:500
Horas de paz — Escriptos religiosos 1:000
Immortalidade (a), A Morte e a vida, traducção. . . . 1:000
Judeu (o), 2 vol. 1:000
Justiça, drama em dois actos. 200
Lagrimas abençoadas. 400
Livro (o) negro. 500
Lucta de gigantes. 500
Marquez (o) de Torres Novas, drama em cinco actos. . . 400
Martyres (os) de Chateaubriand, 2 vol. traducção. 1:400
Memorias do carcere 2 vol. 800
Memorias de Guilherme do Amaral. 500
Morgado (o) de Fafe em Lisboa, comedia em dois actos. . 200
Morgado (o) de Fafe amoroso, comedia em tres actos. . . 300
Mysterios de Lisboa, 2 vol. 1:000
Neta (a) do Arcediago. 400
No Bom Jesus do Monte 500
Noites de Lamego. 500
Onde está a felicidade? 500
O olho de vidro. 500
Poesia ou dinheiro? drama em dois actos. 200
Preceitos da consciencia, poesias 300
Preceitos do coração, poesias. 300

Purgatorio e paraizo, drama em tres actos. 300
Que (o) fazem mulheres. 500
Queda (a) d'um anjo 500
Romance d'um homem rico. 500
Romance d'um rapaz pobre, traducção 500
Sangue (o) 500
Scenas contemporaneas 500
Scenas da Foz 500
Scenas innocentes da comedia humana. 500
Senhor (o) do paço de Ninães 500
Sereia (a) 500
Santo (o) da montanha 500
Tres (as) Irmãs. 500
Ultimo (o) acto, drama em um acto 160
Um homem de brios 500
Um livro, poesias 500
Vingança. 500
Vinte horas de liteira. 500
Vaidades irritadas, critica litteraria 200